

Overlora

ENCANTADO

ANO

I

Nº

XII

CR\$

1,00



INDAGAÇÕES SOBRE
A NATUREZA DA ESTRÊLA

EDITORIAL

hoje tem sôpa
na varanda de Maria?

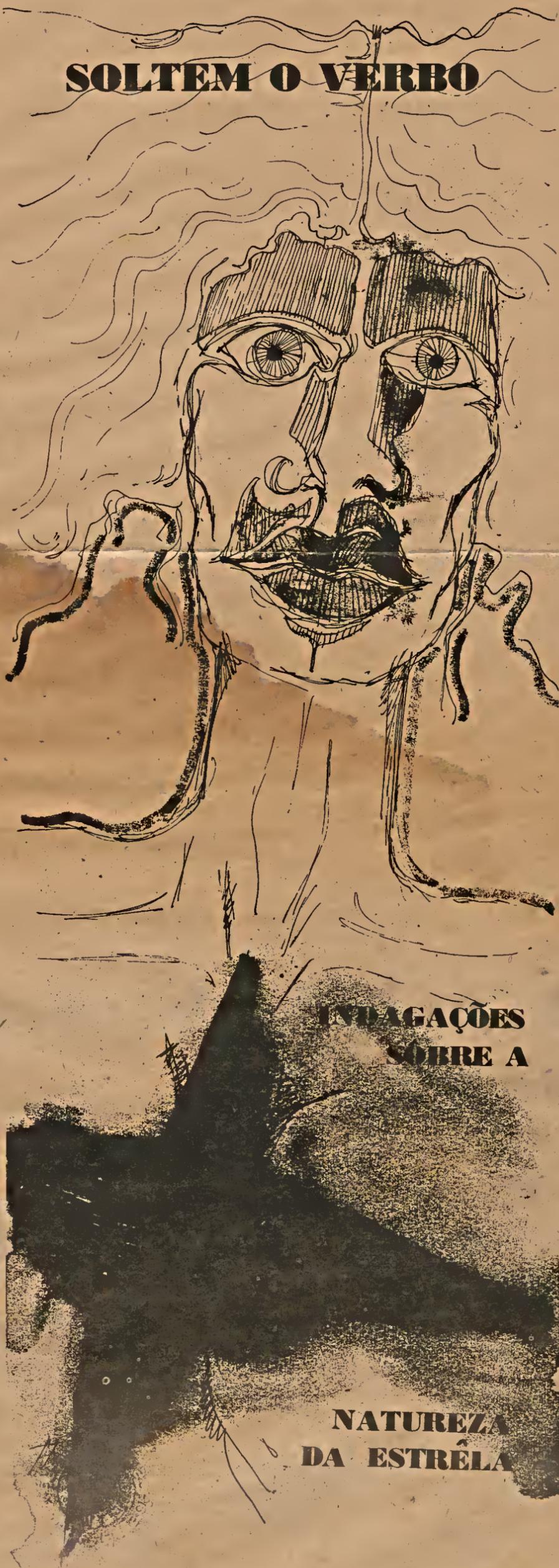
tem Zorba no Verbo
tem Verbo 72,
a partir do próximo
quinze mil exemplares
território nacional
tem vinícius dia 15
tem paulinho da viola
de vinte a vinte e três
no teatro vila velha
verão
caetano veloso
e sua banda.
E de banda quem anda
é sací-pererê.
Salve el rey
dom sebastião.

Perdemos algumas perspectivas importantes de vida. Sentimos isto em nossas múltiplas formas de existir. O presente é concreto e flui. Temos consistência de pedra, de madeira, de osso, de pele. Fluímos como água ou sangue. Sobrevoamos na forma de vapor ou energias mais espessas. Crescemos do chão como uma longa torre de luz, um caule de fogo rondando a trilha dos meteoritos ou ficamos concentrados em um pequeno espaço espesso de vento e olho interno como um fruto celeste da última estação astral.

Já vai tempo que nos livramos da máquina. Na milionésima sexta revolução industrial, estava claro que as máquinas já faziam tudo em nossa estrêla, o que pudéssemos desejar ou empreender, mas ficou muito nítido que a revolução fôra a última. Desde que incorporamos ao ser tôdas as arcaicas possibilidades animais, vegetais e minerais, começou a ficar visível na máquina uma grande distorção para nossa passagem a corpo-celeste-estrêla. Sim, tudo elas já faziam. No entanto, estavam fora. Assim, depois da milionésima sexta revolução industrial, a máquina apareceu como um entrave aos movimentos dentro de nós mesmos. Inventar. Invenção. Invento. (In-vento). Ventoinhas. Ares. Atmosferas de criação. Mares. Pares contrários. Rios contra as correntes marítimas. Mais fortes porque desaguando, abrindo novas frentes de hidrografias dentro de múltiplas formas atuais. Criar dentro, criar dentro, pois, começou a ser necessário a todos que se entregavam, como nós, a um trabalho de fazer coletivamente extraordinárias máquinas que, depois de prontas, ficavam fora de nós. Uma divisão que se perpetuaria se não tivéssemos tomado a grande decisão coletiva. Destruir tôdas as máquinas que aparentemente facilitassem o nosso trabalho e começar um intenso trabalho de adaptação e contra-adaptação, de nosso corpo primeiro, de nosso pensar, de nosso intuir, de nosso perceber, de nosso sentir, depois, em tôdas as formas imagináveis de existência. Vegetalizamos, mineralizamos, aquatizamos, montanhizamos e abissalamos nossas experiências vivas, passarinhamos e conchificamos por aí, por aí, em sucessivos movimentos rotativos. O estágio flor, por exemplo, após o estágio-tigre-dente-de-sabre, quase simultâneos, nos dava uma permanência e uma mobilidade que, depois, na forma de peixe ou de pássaro, transcendíamos de imediato qualquer condição até então conhecida de peixe ou de pássaro.

É claro que já estamos falando do que aconteceu de uns tempo para cá, quando mencionamos as palavras flor, tigre-dente-de-sabre, pássaro, etc. Este foi e é o nosso problema ao termos chegado a este grau de evolução como estrêla. Deixamos de lado as máquinas que nos faziam existir para fora e começamos, com aquelas que ficaram, a nos criar para dentro, em sínteses progressivas, em misturas as mais complexas, de tudo que podia chamar-se vida em nossa estrêla. Fomos assim aprendendo as lições das pedras, dos vegetais, dos bichos, dos peixes, dos pássaros, e fundindo uns com os outros, e criando novas

SOLTEM O VERBO



espécies, e fazendo novos coloridos de flôres, e navegando nos rios com outros peixes, e mudando as posições dos continentes, e clarificando as partes abissais dos mares, e escurecendo as manhãs, (que agora eram apenas uma questão de variação de intensidade de luz), de tal forma que as pedras, os vegetais, os bichos, se transformaram em nossas formas de vida, com que também passamos a absorver tôda a íntima convivência. Pela extensão progressiva de nossa própria vida, acabamos por nos transformar também e, no tempo, conforme cada máquina útil para esta adaptação e contra-adaptação, no movimento transformatório entrava em desuso, conforme tocávamos no tempo da estrêla definitiva, no tempo sem máquina, na luz-relógio, no interno vindo de fora para dentro e de dentro para fora, chegamos, então, a uma fusão de todos os reinos, de tôdas as espécies, de todos os vegetais, de tôdas as pedras, de tôdas as formas, em nós mesmos. E, assim, transformáveis de matéria em energia, de matéria em anti-matéria, de energia em anti-energia, chegamos finalmente à luz-que-existe-hoje e não apenas o que ilumina, mas também, e muito mais, o que sente, pensa, intui e percebe, e pode, por uma necessidade ou um desejo, dar-se forma como quiser.

Eu sou a luz e por isso sou a sombra e habito nesta estrêla. Mas como eu, outras luzes se individualizam pela criação de uma tonalidade de cor com que nascem, isto é, passam da forma reprodutiva ainda necessária como ponto de partida, para a forma criadora (Foi necessário na embriogênese astral manter-se o nascimento físico, o aleitamento, para a cultura do sentir, da dedicação, da estufa inicial de tôdas as potencialidades).

Portanto, nascido corpo e logo me renascido síntese de energia e anti-energia, matéria e anti-matéria nuclearizada na minha luz própria de tonalidade ardósia azulada, daí o meu nome Ardozul, conheci tôda a evolução desta estrêla. Desde alguns anos-luz atrás quando surgiu. Por isso, sei que, pouco a pouco, entraram em desuso e foram abandonadas muitas máquinas até a existência do ser-fusão quando não mais permaneceu nenhuma máquina para uso interno em atividade em nossa estrêla-planeta-luz, da galáxia Govinda".

INDAGAÇÕES SOBRE A

NATUREZA DA ESTRÊLA

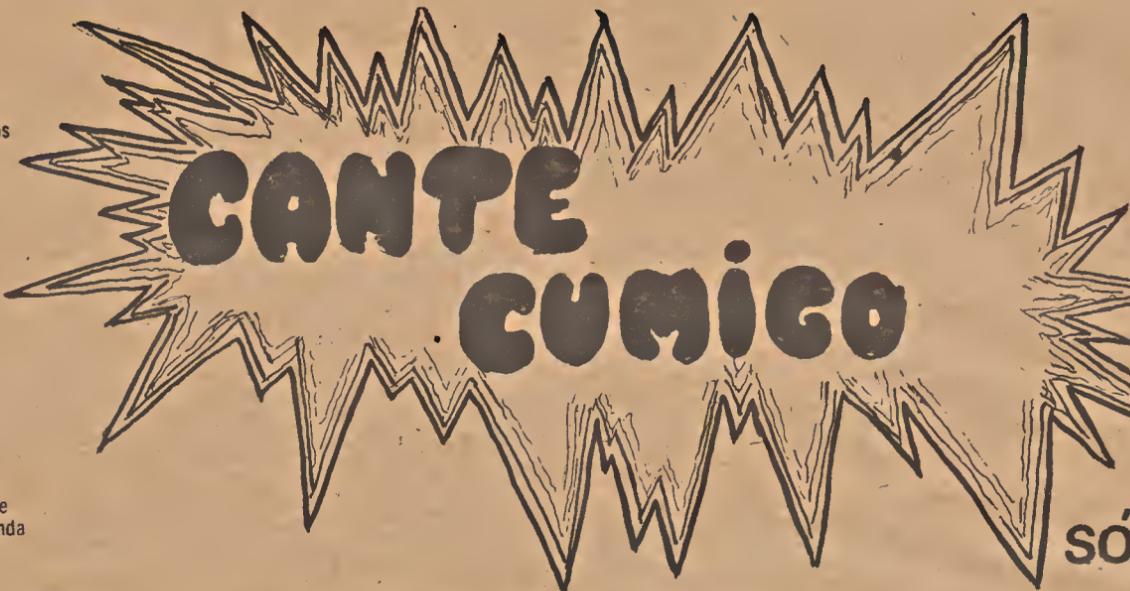
Recebemos livros. Vários exemplares de INDAGAÇÕES SOBRE A NATUREZA DA ESTRÊLA, livro de Luiz Paiva de Castro. O livro é da editora BONDE. Em Soltem o Verbo, o Verbo do Luiz. Não queremos grilo com a editora, nada de tomar o bonde errado, sem essa, a gente curtiu essa de transcrever trechos do livro porque o livro pintou, enviado, autografado. E vocês que estão lendo, Soltem o Verbo.

O desenho é de Juca.

AMANDA

De: Taiguara
Gravação: Antônio Marcos
Discos: RCA

Vencido em meu castigo
Eu trago a paz comigo
De volta para ficar
Amanda
Recolhe meus pedaços
Me acolhe em teus braços
Toma o espaço dessa dor
E o teu lugar
Amanda
Perdi pela viagem
As forças e a coragem
A imagem do que eu sou
E o que eu sou
O que esconde a única verdade
O que perdeu metade - Amanda
O que partiu despertou
Te amando



SÓ SOM

Você esqueceu
A inútil liberdade
Que eu sonhei ver
Nas luzes da cidade - Amanda
Vou te enfeitar de tanto amor.



Legal mesmo, foi quando nós (Marco Antônio e Cerqueira) ficamos na rua Chile, esperando que passassem garôtas de 13 a 17 anos. Uma confusão.

- Essa tem uns 20 anos, Marco.
- Não é não Cerqueira, vai lá...

Parecíamos os machões do fim da tarde. Nesse dia eles haviam assaltado todos os pontos estratégicos da dita rua. Seus gracejos foram a causa de algumas garôtas terem recusado nos responder. Outras não responderam com medo dos namorados vê-las conversando com rapazes da rua Chile. Há as que vão acompanhadas das mães, e só vemos o puxão de braço e o forte odor de classe média subindo e descendo a rua metrópole. Pois é, a rua metrópole é prá todo mundo. Queríamos apurar o gosto musical dessas meninas no ano de 71. Aí lembramos que essa rua ia dar gente até de Pau Miúdo, nem que fôsse só prá olhar as vitrines.

Depois fomos parar em S. Bento e ali encontramos um advogado recém-formado, muito encantado como desfile dos brotos. Mostrava-se atento com o que procurávamos e, sugeriu até a lanchonete das Lojas Brasileiras onde, segundo ele, elas gostavam de frequentar. O bicho tava certo. Foi lá que encontramos as mais bonitas promessas da Bahia. As respostas também, foram as mais inteligentes. O advogado pagou minha coca-cola e quando saímos a noite já tentava engolir a tarde.

- Cerqueira, nós devíamos ter entrevistado Papai Noel aquela hora.

- É, nós marcamos bobeira.

Vocês podem até se aborrecer com a qualidade das respostas. Mas são a realidade do gosto musical juvenil. Não cansaram minha beleza.

CLEIDE - 14 anos
COLÉGIO - ICEIA - 1o. normal
BAIRRO - Ribeira

Wanderley Cardoso - Márcio Greick - Roberto Carlos - Tim Maia - Chico Buarque - Antônio Carlos & Jocáfi - Moacir Franco - Johnny Mathis - Jerry Adriani - Maria Betânia.

EDELZUITA - 14 anos
COLÉGIO - Severino Vieira - 3a. série
BAIRRO - Brotas

Roberto Carlos - Toni Tornado - Os Incríveis - Renato e seus Blue Caps - The Marmelades - A.C. & Jocáfi - Vanusa - Jerry Adriani - Tim Maia - Johnny Mathis.

MARIA APARECIDA - 14 anos
COLÉGIO - Escola Nova - 4a. série
BAIRRO - Barra

Chico Buarque - Caetano Veloso - Maria Betânia - Roberto Carlos - Claudete Soares - Ivan Lins - A.C. & Jocáfi - John Lennon - Elis Regina - Johnny Mathis.

TÂNIA - 16 anos
COLÉGIO - Central - 1o. científico
BAIRRO - Barris

Roberto Carlos - Tim Maia - Jerry Adriani - Chico Buarque - Wanderley Cardoso - A.C. & Jocáfi - Wanderléa - John Lennon - Paul McCartney - Márcio Greick (o meu escolhido).

ELIANE - 13 anos
COLÉGIO - N.S. Auxiliadora - 3a. série
BAIRRO - Brotas

Johnny Mathis - John Lennon - Ivan Lins - Santana Blue Band - Caetano Veloso - Roberto Carlos - Jimi Hendrix - Paul McCartney - James Taylor - Bred.

VERA - 14 anos
COLÉGIO - Góes Calmon - 3a. série
BAIRRO - Brotas

Johnny Mathis - Roberto Carlos - John Lennon - Márcio Greick - Tim Maia - Maria Betânia - Rosemary - Paulinho Nogueira - Chico Buarque - Jorge Ben.

DEYSE - 13 anos
COLÉGIO - N.S. Auxiliadora - 3a. série
BAIRRO - Rio Vermelho

Antônio Marcos - John Lennon - Jimi Hendrix - Maria Betânia - USA Aretha Franklin - Paul McCartney - Santana Blue Band - Andy Williams - The Sweet.

NEUMA - 17 anos
COLÉGIO - Severino Vieira - 3a. série
BAIRRO - S. Pedro

John Lennon - Roberto Carlos - Caetano Veloso - James Taylor - Gilberto Gil - Gal Costa - A.C. & Jocáfi - John Rivers - Johnny Mathis - Chico Buarque.

RAIMUNDA - 16 anos
COLÉGIO - N.S. da Conceição - 3a. série
BAIRRO - Brotas

B.J. Thomas - The Sweet - George Harrison - John Lennon - Roberto Carlos - Carole King - Afrodite Child - Chico Buarque - Tim Maia - Gal Costa.

CRISTIANE - 14 anos
CIDADE - Itabuna - 4a. série

Roberto Carlos - Márcio Greick - Elizabeth - Antônio Marcos - Martinho da Vila - Wanderley Cardoso - Jerry Adriani - Chico Buarque - Tim Maia - A.C. & Jocáfi.

SUELY - 17 anos
COLÉGIO - ICEIA - 2o. ano normal
BAIRRO - Ribeira

Roberto Carlos - Wanderley Cardoso - Jerry Adriani - Ronnie Von - Elis Regina - Tim Maia - Caetano Veloso - Maria Betânia - Rosemary - Sandra.

VITORINHA - 17 anos
COLÉGIO - Dois de Julho - 3o. ano científico
BAIRRO - Graça

Chico Buarque - Maria Betânia - Jackson 5 - Three Dog Night - John Lennon - George Harrison - Caetano Veloso - A.C. & Jocáfi - Gal Costa - Gilberto Gil.





LEILA - 17 anos
COLÉGIO - Luiz Viana - 1o. colegial
BAIRRO - Brotas

Ivan Lins - Elis Regina - Roberto Carlos - Renato e seus Blue Caps - The Fevers - John Lennon - Trio Ternura - Vanusa - Gal Costa - Caetano Veloso.

ANGÉLICA - 14 anos
COLÉGIO - Escola Nova - 4a. série
BAIRRO - Amaralina

Caetano Veloso - Gilberto Gil - Ivan Lins - Chico Buarque - Johnny Mathis - Jimi Hendrix - Maria Betânia - A.C. & Jocáfi - Vinícius de Moraes - Elis Regina.

TÂNIA CERQUEIRA - 16 anos
COLÉGIO - Colégio Estadual de Cachoeira - 4a. série
CIDADE - Cachoeira

Roberto Carlos - Antônio Marcos - Tim Maia - Wanderley Cardoso - Caetano Veloso - Vanusa - Maria Betânia - Jerry Adriani - Chico Buarque - Márcio Greick (adoro).

CECÍLIA - 15 anos
COLÉGIO - Dois de Julho - 1o. ano científico
BAIRRO - Roma

John Lennon - Paul McCartney - Jimi Hendrix - Caetano Veloso - Chico Buarque - Maria Betânia - George Harrison -

Gilberto Gil - Johnny Mathis - Bob Dylan.

LUCIA - 15 anos
COLÉGIO - Central - 2o. ano científico
BAIRRO - Pituba

Johnny Mathis - Elis Regina - Ivan Lins - Simonal - Roberto Carlos - Chico Buarque - Maria Betânia - B.J. Thomas - Caetano Veloso - Eliana Pittman.

MAÍSA - 14 anos
COLÉGIO - Instituto Feminino - 4a. série ginásial
BAIRRO - Rio Vermelho

Roberto Carlos - Márcio Greick - Ronnie Von - Antônio Marcos - Tim Maia - Simonal - Vanusa - Wanderléa - Erasmo Carlos - Wanderley Cardoso.

MARIA DE FÁTIMA - 13 anos
COLÉGIO - N.S. do Carmo - 3a. série ginásial
BAIRRO - Nazaré

John Lennon - Paul McCartney - Ringo Star - Caetano Veloso - Gal Costa - Santana Blue Band - The Sweet - Tini Tin - Gilberto Gil - Liverpool Sound.

ANA - 16 anos
COLÉGIO - Maristas - 2o. ano científico
BAIRRO - Loteamento Lanat

Jimi Hendrix - John Lennon - Tames

Taylor - Os Mutantes - Ringo Star - Jane Birkin - Janis Joplin - Chico Buarque - Vinícius de Moraes - Caetano Veloso.

VERA - 15 anos
COLÉGIO - Antônio Vieira - 1o. ano científico
BAIRRO - Barra Avenida

Caetano Veloso - John Lennon - Roberto Carlos - Chico Buarque - Maria Betânia - Johnny Mathis - Tom Jones - Gilberto Gil - Paul McCartney - A.C. & Jocáfi.

FRANCISCA - 15 anos
COLÉGIO - Central - 1o. ano científico
BAIRRO - Av. Sete

Santana Blue Band - Ten Years After - John Lennon - George Harrison - Paul McCartney - Ringo Star - Dione Warwick - Betânia - Shirley Bassey - B.J. Thomas.

ANA RITA - 16 anos
COLÉGIO - Severino Vieira - 3a. série ginásial

Betânia - Caetano Veloso - Chico Buarque - John Lennon - Paul McCartney - Aretha Franklin - James Taylor - Roberto Carlos - Gal Costa - Jimi Hendrix.

José Cerqueira & Marco Antônio

DISCOS LANÇAMENTOS

A RCA PROMOVE as reminiscências dos antigos astros da música popular brasileira.

ANJOS DO INFERNO: esse foi um dos mais badalados conjuntos vocais de uma época rica. Toda década de 30 e começo da de 40. Os Anjos do Inferno influenciaram uma boa parte dos conjuntos que surgiram depois de sua explosão. Um lado do disco é todo dedicado à interpretação das músicas de Caymmi.

LADO 1 - Rosa Morena, Acontece que eu sou Baiano, Vatapá, Requebre que eu dou um doce, Você já foi à Bahia?, Vestido de Bolero.

LADO 2 - Chô-Chô, Néga do Cabelo Duro, Dolores, Helena, Helena, Brasil Pandeiro (essa faixa leva o nome do disco), É Ela.

CIRO MONTEIRO & JORGE VEIGA: De Leve é o nome do disco estéreo que essa dupla gravou. Em todos os dois lados eles se comportam como dois sambistas que se encontram. E entre bricadeiras e potpourri cantam também individualmente suas músicas.

LADO A - O Samba é bom assim, Prá seu govêrno, Despedida de Mangueira, Falso amor, Nosso amor, Não tenho lágrimas,

Acorda escola de Samba, Cai Cai (Ciro Monteiro e Jorge Veiga).

Disseste, 400 anos, Poeira (Ciro Monteiro). LADO B - Tumba iê, Bigu, Se você jurar, Isaura, Maria Sambou, Não posso mais, Rosa Maria, Agora é cinza. (Ciro Monteiro e Jorge Veiga). Café Soçaite, Primeiro de Abril, Boi Bum-bá. (Jorge Veiga).

RCA tem a informar: que Eduardo Araújo e Silvinha são seus mais novos contratados. Já estão se preparando, inclusive, para o lançamento de discos através da RCA.

VOU ME EMBORA E VOU SUMIR

De: Natan
Canta: Vanderlei Cardoso
Discos: Copacabana

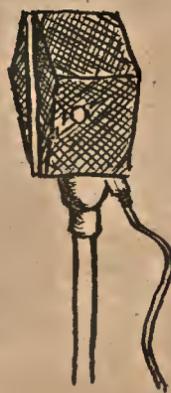
Vou me embora e vou sumir
Quero depressa esquecer que
Ainda existe
A lembrança de um amor
Que até hoje fez com que eu
Vivesse triste.

E se acaso eu encontrar no meu
Caminho
Alguém que me faça ser feliz
Eu darei a esse alguém



Todo carinho todo o amor
Que outra não quis.
Vou agora vou correndo
Vou tentar recuperar tudo o que
Aqui perdi
Não vou mais perder meu tempo
Andando atrás de quem não
Acredita em mim!
Acho bom eu ir depressa
E nem para trás olhar
Terminar com esse sonho
Esse sonho impossível
Impossível de se realizar!
Nã, nã, nã, nã, nã, nã
etc., etc.

Não vou ficar,



TARDE EM ITAPOÃ

De: Toquinho e Vinícius
Gravação: Vinícius, Marília e
Toquinho
Discos: RGE

Um velho calção de banho
O dia pra vadiar
O mar que não tem tamanho
E um arco-íris no ar
Depois na Praça Caími
Sentir preguiça no corpo
E numa esteira de vime
Beber uma água de côco
É bom

NOVO OVO TEATRO MÁGICO

Tamos falando de um novo teatro mágico. — Na sala de espelhos, o diálogo dos vivos dos mortos, numa casa baiana com muita certeza — Os vivos dizem dos mortos através das lamparinas cegas — Minalva, viva persona, inicial de um barato qualquer na vista da loucura — No novo teatro Mágico a sensação é de AÇÃO, movimento, côr, corpo, ritmo, electricidade, magnetismo de minalva, amante do magnata morto — Se no novo ovo teatro mágico tem diálogo, é algo, algo marinha reluzente visual — Mira como com uma luneta de pirata, bandido, artista, magnata — dos mortos, dos vivos é a nata ata do desterro — No palco de submarinos, um palco no mar dos espelhos, nas barcas, os barcos levam Minalva nas pontes do sonho, na sala dos espelhos — Mensageiro da luz, é um personagem que não está no plano dos sentimentos — O ídolo é o Olho da magia do mágico, uma lâmpada, o sapato ver-

melho de anjo, paridos unidos, corpo vital, a mágica tá, na mágica do teatro — os vivos os mortos, nascem no novo ovo teatro mágico. — Tem Minalva, tem magnata, tem os mortos, tem Ardélia, os anjos; tou louco como você tá, esperando, os barcos de Minalva, MINALVA podia ser uma cidade, uma árvore, uma estrela na sala dos espelhos — fim de comédia, de ato — Ardélia nasceu em blow up — cidade natal da magia — Ardélia se cansou da magnitude do magnata, e foi passear nos barcos de Minalva — tá no mágico do teatro — os mortos os vivos nascem no Novo Ovo mágico, um olho ovo mágico — tem Minalva, tem magnata, tem os mortos, temos os anjos, tou louco como você está, esperando aí sentado, os barcos de Minalva; o astral fica a maior limpeza na sala dos espelhos — quando os personagens vêm a si vendo os outros, os vivos. Acima de todas as coisas, Minalva mira em cima

da magia, da estrela gigante, o gigante carrega nos dedos a sorte das lamparinas cegas — Minalva no meio do teatro do palco, deu uma de fim, no meio do espetáculo mágico. zi ende. Ou saída entrada dos espectadores. A sala da mágica, é cena em pleno espelho, em plena plenitude mágica, o espelho deu passagem nos barcos de Minalva, um pequeno ancoradouro ancorado nas âncoras de um presente qualquer — No coração de Ardélia suas antenas tão ligadas no sangue de Minalva, amante do magnata, zi ende — capítulo final, do princípio, começo do transe, só para raros, só para loucos; vai um dia o dia do início — A Iniciação, o princípio da magia, do novo mágico, Teatro Novo Ovo.

*Nêgo Nêzio
Lúcio Mendes
(Na sala dos espelhos)
para Athenodoro e seu Fool Diary*





Bob Laô, um compositor que vive nos cantos de música da Bahia, onde o samba fala de tudo e por todos. Vencedor de vários Carnavais, também ataca de cantor há 32 anos. É ator, professor, e Tec. em Contabilidade. Um homem de vários instrumentos, mas sente que aqui o sucesso passa por longe. Sabe que só quem faz carreira no Sul, é que pode aparecer.

"Quando se mata a cobra se mostra o pau. Este é um ditado muito certo", disse Bob quando recebeu a visita do Verbo, em seu escritório. Tratou de procurar numa gaveta, carteira do Sindicato dos Artistas do Brasil (Casa dos Artistas do Rio de Janeiro). No Rio, trabalhou em cinema e cantou nos melhores clubes e buates. Isto é um orgulho para Bob.

Bob Laô é uma testemunha do sofrimento que os anônimos compositores da Bahia passam. Ele, mais do que ninguém, é uma autoridade para falar de cada um detalhadamente. Diz que a melhor época para os artistas baianos é a do Carnaval. Todos aproveitam e inscrevem as suas músicas nos Concursos de Carnaval, e esperam o resultado. um prêmio de 1 milhão, ou o direito de gravar um disco, é o presente.

O compositor baiano é um explorado e Bob Laô está na lista. Quando consegue gravar uma das suas lindas músicas, é uma vitória. Compositores como êle, Panela, Riachão, Zé Pretinho, e muitos outros, estão espalhados por tôda Salvador,



dependendo exclusivamente da sorte, para que suas músicas venham a ser cantadas em todo o Brasil.

O tempo é inimigo de Bob Laô, que não pode dar um pulo até o Rio ou São Paulo, para jogar as suas composições. "Nas férias eu pretendo viajar, mas nunca vou deixar a Bahia. Aqui mal ou bem se vive bem". Aproveita a oportunidade e recorda alguns dos seus sucessos. "Miss Gasolina", campeã do Carnaval 55, e "Menina Linda" do 66.

Aydno Pereira de Souza é o seu nome completo. Por que Bob Laô? "... Eu cantava muito a música Maria Laô, lá por volta de 1950. A turma ficou nessa e o apelido pegou". Êle pertenceu a roda de cantores de tôdas as rádios da

Bahia. Foi companheiro de Dorival Caymi, Humberto Pôrto (autor de "Jardineira") já falecido, e outros.

Filho de "Bonzinho do Piston" (falecido), Bob nasceu em Nazaré das Farinhas, numa Filarmônica. Só de composições carnavalescas tem bem umas 80, sem se contar nas músicas natalinas e juninas. Porém apenas três músicas suas foram gravadas até hoje. A última foi "Menina Sorriso", gravada o ano passado pelo Inema Trio.

Bob fica contente quando diz aos amigos que trabalhou em filmes como "Prá lá de boa", "Terra violenta", "Preço de um desejo", "O cangaceiro" ao lado de Dercy Gonçalves, Bibi Ferreira, com quem também fez teatro de revista. Tra-

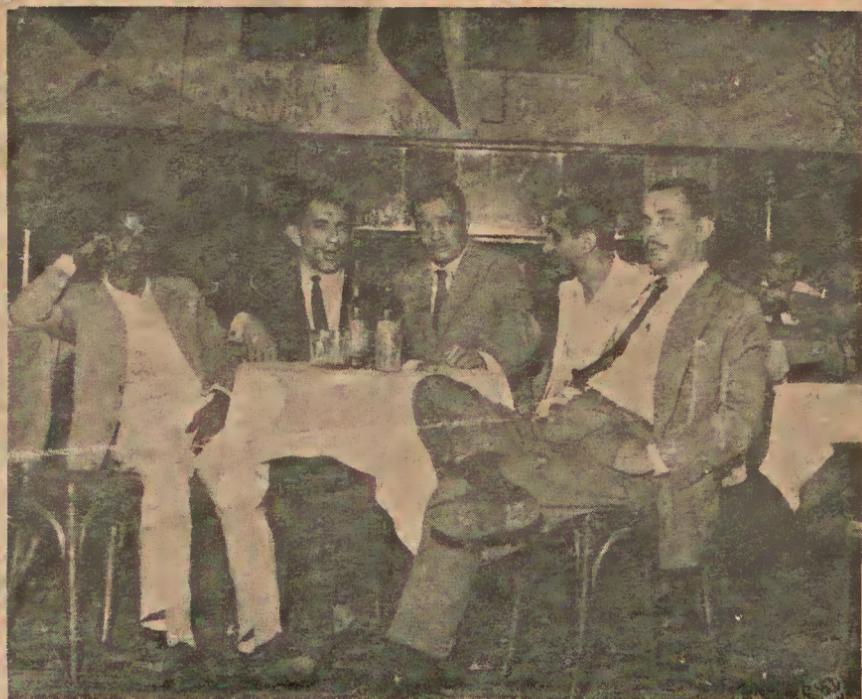
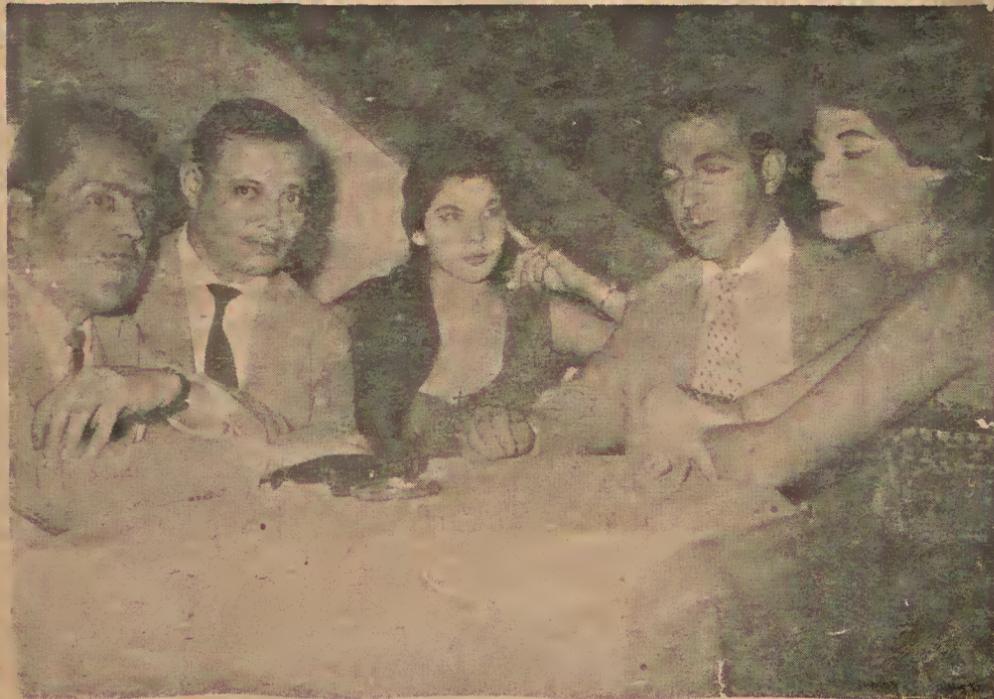
balhou como baterista, a bordo do navio "Baependi", conhecendo todo o Brasil, e até alguns países da Europa. "Até quarta-feira", "Andorinha", "É ordem do Rei" e "Quem planta o bem, colhe o bem", são as composições de Bob inscritas nos Festivais de Carnaval das televisões baianas para êste ano.

Volta, minha querida andorinha/ Volta, que já chegou o verão/ E vem fazer o seu ninho/ No arvoredado que é/ Meu pobre coração/ Quanta saudade eu sinto/ Do seu cantar/ Do seu calor/ Volta/ Minha querida andorinha/ Que é somente/ Seu o meu amôr/. Esta é a lêtra de "Andorinha", que acredita Bob, um sucesso garantido no Carnaval 72.

"Todo ou qualquer compositor da Bahia, tem que pegar um parceiro do Rio prá poder se projetar" Diz Bob Laô. Como bom parceiro de Salvador, êle considera Batatinha, com quem está compondo um grande samba: "Clementina da Silva", uma homenagem a uma senhora de 72 anos, que desfila na Mangueira.

Enquanto não consegue um pé de apoio, Bob Laô continua trabalhando no Serviço de Defesa do s Direitos Autorais, passando pelas suas mãos os grandes dinheiros de gente como Simonal, João Só, Tião Motorista. A esperança dêste camarada, está no ano que se inicia.

Nelson Rocha





ELEVADOR LACERDA

O Elevador é amarelo velho por fora, mas, por dentro, estão cuidando. O piso — piche ou asfalto? — está salpicado de tinta e as paredes, novas. Suas cabines — 4 — são acinzentadas, fechadas por duas portas, uma de aço e outra de aço gradeado, e tôdas têm um telefone, imenso, junto do banco do ascensorista, que eu não sei se funciona, o telefone, eu nunca ouvi êle fazendo trimm. Quando você pega o Elevador e as suas duas portas se fecham, você não escuta nada, a não ser o que estão falando ou fazendo barulho dentro dêle. Mas, de vez em quando, subindo ou descendo, êle passa por espaços vasados e, você vê, de repente e rápido, imagens e sons do lado de fora, e, de repente e rápido, nada. Existem, mais ou menos, quatro espaços vasados. Quando o elevador chega você sente um frio na barriga.

Cada cabine possui quatro ventiladores. Se você estiver afim de descer o elevador, entre na fila, e olhe em volta. Você está na Praça Municipal, em frente está a Prefeitura Municipal do Salvador onde o Prefeito faz os seus despachos. Do lado direito a Imprensa Oficial da Bahia, e do lado esquerdo, o Palácio Rio Branco. No passeio do Elevador funciona o bar da Cubana, talvez a sorveteria mais velha da Bahia, tão velha como a Primavera, outra sorveteria, que funciona em outro lugar. Você pode tomar seu sorvete ou refresco ou nas mesinhas de ferro laqueada nas calçadas ou no balcão mesmo. Tome logo que a fila anda depressa. Você está para entrar no prédio do Elevador prôpriamente dito, mas ainda tem tempo de dar um saque da balastrada. Lá embaixo, os telhados velhos do casario da Ladeira da Montanha, o Mercado Modelo, o Comércio e seus prédios de vidro, os carros estacionados ou andando, de cima ficam tão pequeninhos, parecendo pingos de cor escurecendo. Saque também a escultura branca de Mário Cravo, os saveiros na Rampa do Mercado, a piscina azul dos Fuzileiros Navais. Obedeça a fila e tire do bolso 10 centavos para comprar o seu direito de descer. Pelos corredores do elevador você olha as coisas da Bahia de Baixo, do alto, através

dos janelões de vidro. Em uma das paredes, da parte alta do Elevador, está lá a effígie do benemérito Antônio Lacerda. Eu estou falando do elevador dêle — o Elevador Lacerda. De frente a effígie de Lacerda, funciona uma banca de revistas de modinhas, literatura de Cordel, livros de historietas populares, e cartilhas que ensinam a escrever cartas amorosas. Entre as novidades, Jorginho, o garôto que atende, apontou: as últimas modinhas de Roberto Carlos, Valdick Soriano e Paulo Sérgio, entre os cordéis. A moça que mordeu o travesseiro sonhando com Roberto Carlos e a Chegada de Vicente Celestino no Céu. Cada livrinho custa, em média 50 centavos. Ao lado da banca de Jorginho, são vendidos postais da Bahia que são expostos em cordões, dependurados nas janelas. Ao longo das paredes do corredor Espíridião Mattos pintou e bordou, em côres vivas, hoje desbotadas, a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, uma vista da Ribeira, o Farol de Itapoã, o Convento de São Francisco. Falando em ilustrações, ia me esquecendo: na parede externa do lado direito do elevador, parte de cima, tem um painel de ladrilhos amarelos e verdes, e, sobre êles, pintadas, as riquezas da Bahia: Cacau, Petróleo, Carnaúba, Cana e Fumo. Voltamos para dentro do Elevador comendo doce de leite, amendoins cobertos ou jujuba, lendo jornais ou fumando. Tudo isto você encontra para comprar na porta do elevador. Existe um serviço de alto falante interno que funciona o tempo todo, ora dizendo "Êste elevador é seu, conserve-o limpo", ora informando as horas e outras notícias e ora tocando cantigas.

Em cima de cada cabine existem duas luzes, uma vermelha, que acende quando o elevador chega lá em baixo e outra verde quando o contrário. Em cada andar trabalham 7 pessoas, 3 cobrando as passagens, 3 cuidando para que o lotação não seja ultrapassada e um varrendo constantemente o chão. Os que cuidam da lotação passam o dia inteiro contando é claro. Quando o número de pessoas chega a um limite máximo, êle interrompe a fila com uma corrente. Fica para a próxima viagem.

Sempre que um elevador está chegando lá embaixo, o outro está chegando aqui em cima. Assim como quem entra, entra por um corredor e quem sai, sai por outro. Sômente têm acesso gratuito ao Lacerda os portadores de passes públicos, militares, estafetas fardados e servidores do Serviço Municipal de Transportes Coletivos — a SMTC — a quem o elevador é filiado. Sua velocidade é de 23 segundos cada viagem, o sistema de operações das portas é elétrico, a capacidade de tráfego em 40 minutos é de 1.192 pessoas, e cada cabine porta 36 passageiros. Se você viaja muito e quiser comprar cada vez, um ticket, compre vários tickets de vez, compre 50 tickets que custam 5 cruzeiros, todos. Bem, descemos.

Sáímos do Elevador Lacerda e estamos na Praça Cairú, que você viu detalhes, pequeninha lá de cima. O responsável pelo Lacerda, seu Mário, está lá embaixo, junto a um dos torniquetes, ou borboletas, segundo nós, baianos, que são de origem americana, dizendo que é impossível calcular quantas pessoas utilizam o elevador durante um dia. Diz também que êle nunca para, não fecha, nêle trabalhando, em geral, 4 turmas que vão se revezando. Ao lado da entrada do Elevador, na parte de baixo, funciona o Bar Expresso Moderno e várias baianas de acarajê, e vários camelôs, e vendedores de anéis com o seu signo. Crianças brincam, cego pede esmola. O cego Manuel faz dalí ponto há 3 anos. O movimento, para êle, não é muito bom. As pessoas entram ou saem apressadas e não deixam na cuia de queijo o mil réis. A Saúde Pública não deixa êle ficar alí. Se vê, leva. Da última vez que levaram o velho, êle ficou prêso 28 dias. Nunca ninguém ficou prêso, por muito tempo, dentro do Lacerda. Quando falta energia, não tem problema, tem gerador próprio. A Bahia pode parar, mas o Lacerda nunca. Se você quiser pode ler esta "reportagem de trás prá diante, só que em vez do elevador descer êle vai subir".

Carlos Eduardo Ribas &
Ribamar & Ribanceira

CONSTRUTORA G. P. ARQT. ENG. COMÉRCIO IND. LTDA.
RUA PORTUGAL, 11 — SALAS 601, 602 E 603 — 6.º ANDAR — FONE 2-2396 — COMÉRCIO — SALVADOR — BAHIA

FOCO PHOTO STUDIO
Av. Sete de Setembro, 33
conf. 401678. Fone 3.5818
j. wolney



Nos bastidores da TV Aratu, o corre-corre toma maiores proporções, quando aparecem o super-star Tarcísio Meira com a não menos estrêla Glória Menezes, que também é sua mulher. Crianças querem entrar no ar com suas mães, irmãs, irmãos, para ver de perto o homem que deve morrer. Só que Tereza está no ar com seu jornal da mulher, apresentando justamente o casal mais famoso da televisão brasileira. Vieram para o reveillon baiano; ela mais para fazer compras. Junto deles o filho Tarcicinho, que disse não querer ser astro, como o pai, ou de espécie alguma. Acha-se uma criança comum, pois brinca, estuda, e às vezes faz má-criação. Que adora os pais e viaja com eles para todo o canto. Que gosta das suas duas irmãs, filhas do primeiro casamento da mãe. E as pessoas continuam tirando nos corredores com o mesmo objetivo de sempre. Pedir autógrafos! São atendidas assim que os astros saem do estúdio. Ligeira aglomeração, demonstração de carinhos, um barato rápido. Vemos em frente acompanhando Tarcísio e Glória. Prometeram uma entrevista - Verbo para depois. Iam almoçar. Entraram na sala da direção da TV, êle de óculos escuros, camisa quase estampada e mangas compridas, calça marron, barba por fazer. Ela de calça comprida e blusa de jérsei, lenço na cabeça. Ambos anti-moda. Insistimos, saímos atrás deles, que deixaram a Aratu sob os gritos de fãs e adeuses apaixonados. Uma glória! Paramos no Buteco do Tião, um restaurante assim; lá na Bôca do Rio. O Casal já tinha chegado. Estava numa mesa rodeado por amigos, acompanhantes, no andar de cima. Tarcísio atendeu logo a gente, com uma descontração pouco comum, uma simplicidade quase natural, para quem alcançou tanto. Êle é assim; longe do que é superficial, que bebeu batida de limão, se interessou por astral e queria uma entrevista menos informal. Todo clima é de quem está bem. Glória, no entanto, preferiu continuar na mesa, deu um alô pro Verbo, disse que Tarcísio falava por ela. E deu um sorriso. Tarcísio veio para outra mesa e junto de nós soltou seu Verbo:

Êle e Glória são do Signo de Libra, moram no Rio de Janeiro agora, e estão fazendo uma casa prá viver lá definitivamente. Começamos as perguntas, eu, Bião, Emanuel, que também fotografou:

Verbo: Você está ligado nessa de astral?

Tarc.: Eu acredito em tudo. Tudo que você me propuser que não seja ilógico. Acredito ou acho viável.

Verbo: E depois do homem que deve morrer?

Tarc.: Depois dessa novela eu vou parar um pouco e descansar.

Verbo: O que é a televisão?

Tarc.: Evidentemente que é criação. Ela é muito organizada, impossível ignorá-la. É um veículo que tem um alcance impressionante. Atinge 30 milhões de pessoas. Você faz uma novela que dá 80% de Ibope, o resultado é 24 milhões de telespectadores.

Verbo: E o cinema?

Tarc.: Você pode encarar o cinema como entre-

O QUE PENSA



UM ASTRO DE TV

tenimento.TV, pode. Eu tenho feito filmes muito comerciais, mas o resultado é uma enorme falta de técnica. A indústria cinematográfica brasileira ainda não dispõe de técnica. Como pessoa eu me afirmaria tremendamente se fizesse um filme com Cassavets, vi recentemente um filme dêle e nem que eu queira me dispor, eu vor conseguir. Acho que o nosso subdesenvolvimento não é decorrente da nossa incapacidade de fazer, mas da nossa inexperiência, da falta de meios para fazer experimentar.

Verbo: E o teatro.

Tarc.: É muito mais o diretor, o ator e o público. Diferente do cinema, da televisão que passam por muita gente até chegar ao público.

Verbo: E o que falta na televisão?

Tarc.: Na televisão nada falta, tudo sobra.

Verbo: E o Dr. Valdez?

Tarc.: Não tenho nenhuma preferência e nem escolho personagens. Dr. Valdez nada tem influenciado em minha vida particular. E nada de misterioso aconteceu enquanto fazia as gravações.

Verbo: Nenhum imprevisto...

Tarc.: Não. Os imprevistos podem trazer problemas. Mas assim que terminar a novela, viajarei muito e sem destino.

Verbo: Você já pensou no dia que a novela saturar?

Tarc.: Não acredito que ela sature. Ela tem se renovado, muito. Quantas modificações houveram da primeira novela que fiz em 1965 até agora?

Verbo: Você repetiria alguma novela?

Tarc.: Nenhuma. Tudo deixa muito a desejar.

Verbo: E o seu Começo?

Tarc.: Foi no teatro. Uma coisa que gosto e lamento estar dois anos sem fazer. Porque quero teatro como uma empreitada séria, não com um público limitado, especial.

Verbo: Existe um personagem que você gostaria...?

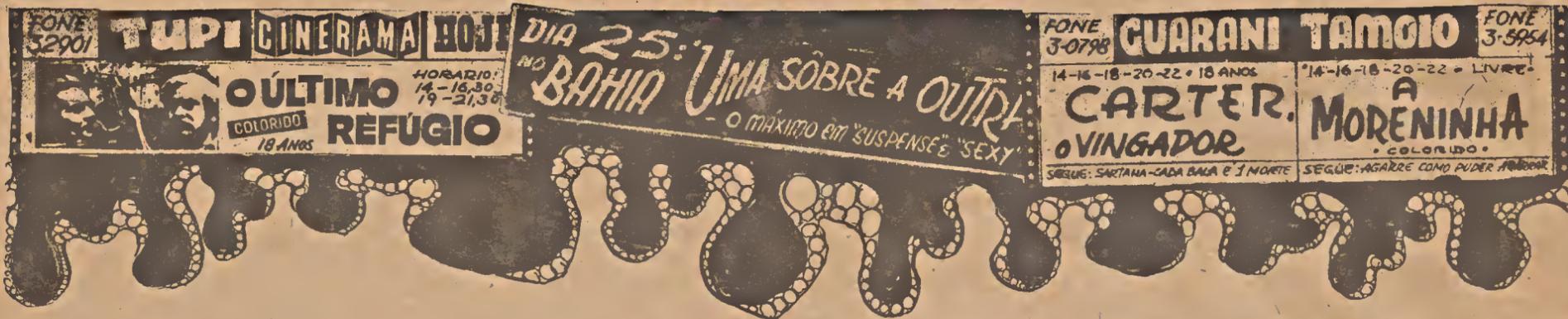
Tarc.: Não me preocupo com personagens. Todos são bons se puder fazê-lo ao lado de um bom diretor, elenco, etc.

Verbo: Fale sobre a juventude...

Tarc.: Ora, o que eu vou falar? Gostaria de ser jovem até morrer. É muito difícil você ser jovem a vida inteira. Quem pensa que é jovem a vida inteira, não é verdadeiro. Foi maravilhoso ser jovem. Nada falta à juventude porque os jovens estão sempre inventando. Porisso nada a êles deve ser negado. Ser jovem é saber inventar, gostaria de inventar a vida inteira.

O Almoço chegou na mesa, Glória pede ao Tarcísio para dar um click. É hora do rango. Êle continua, embora não faça gênero nenhum, lembra bem o machão, a falar e disposto. Verbo esgotou o papo e Tarcísio voltou para a mesa. Ao lado de Glória Menezes, um bonito peixe de muqueca. Comidas e bebidas baianas. Risos. Êles na dêles! Verbo amou Tarcísio e Glória. E achou-os também bonitos.

Athenodoro Ribeiro



DEZ ANOS DEPOIS

Agora você sabe quem é Andy Warhol, Está por dentro do cinema underground, saca Joe Dallessandro,

Ondine, Viva, este pessoal todo. E já sabe de "Kiss", "Flash", e Paul Morrissey.

A coisa começou antes, pelo menos há dez anos, que é a data. Dez anos atrás, Jonas Mekas, esse carinha aqui, que vocês não tão sabendo qual é a dêle, mas sabendo qual é a dêle vão entender melhor tôda a transa.

Tem dez anos Jonas Mekas. E disse e profetizou o que está aí.

Jonas Mekas, um pai. De Andy, Joe, nosso, VOSSO.

Informação urbana, amizade. Só isso.

E cinema/cinema/cinema.

Era assim há dez anos atrás.

Cinema/cinema/cinema.

O NÓVO CINEMA

de Jonas Mekas

tradução de Fernanda Sobral

Na ausência de outra coisa, a "Nouvelle Vague" trouxe uma consequência para a América: ela impulsionou os americanos a procurarem uma nova geração de cineastas. Nós poderíamos citar "Stake out on Dope Street" (Cêrco Numa Rua de Drogas) de Irving Kershner; "Crime e Castigo U.S.A." dos irmãos Landers; "The Proper Time" (O Tempo Propício) de Tom Laughlin; "Private Property" (Propriedade Privada) de Leslie Stevens. Sem possuir uma individualidade muito grande, eles introduzem entretanto fisionomias desconhecidas, cenários novos, nos oferecem ambientes e diálogos mais próximos da realidade contemporânea, testemunhos de atitudes e de uma sensibilidade mais modernas.

Mais cedo ou mais tarde todos esses diretores, tendo sido aprovados no exame para a entrada em Hollywood, irão trabalhar profissionalmente ao lado dos mais velhos, sem ter provocado uma verdadeira revolução. Assim, há 5 anos passados, um grupo de jovens diretores partiu para Hollywood e nada de novo se produziu. Estou me referindo a produtores como Sidney Lumet, Martin Ritt, Delbert Mann, Arthur Penn, Robert Aldrich, Stanley Kubrick, Jack Garfein, etc. . . Isto é, tôda a escola dos anos 50. O seu único mérito foi o de aproximar um pouco o cinema americano da realidade, ou talvez seja melhor dizer, do Bronx (bairro popular de Nova Iorque - N.D.T). Cinema tipicamente pequeno-burguês, ilustrado na melhor das hipóteses por "Marty e 12 Homens em Cólera". Só a geração seguinte deveria trazer uma mudança radical, que equivale ao que a nova geração francesa e o grupo inglês do Free Cinema (Cinema livre) procura atingir: um cinema do autor. É desta geração recentemente saída do ôvo, que eu queria falar aqui, geração que amadureceu no momento em que a América passava por transformações radicais, onde se fazia sentir o peso da angústia atômica contemporânea. Transformações técnicas, econômicas e psíquicas começam a afetar nossa vida cotidiana, nossas emoções e nossos sonhos. Nossas necessidades, o meio em que vivemos são completamente dife-

rentes e mesmo influenciam nos nossos movimentos físicos, na nossa elocução, na nossa maneira de vestir e, naturalmente, no nosso comportamento afetivo.

PARA FICAR EM DIA COM SUA ÉPOCA, PARA SER VISTO E APRECIADO POR ESTA GERAÇÃO, O CINEMA DEVE TAMBÉM EVOLUIR, OU ENTÃO SE RESIGNAR A SALAS QUASE VAZIAS OU CHEIAS DE PESSOAS IDOSAS.

O velho cinema americano tornava-se intolerável. Os primeiros grupos surgiram em segredo um pouco em tôda a parte. Ainda fracos, raros, mas em contínuo crescimento e capazes um dia de comunicar ao seu redor um pouco de sua seiva juvenil. Para se compreender o que se passa deve-se abandonar os santuários do cinema oficial e descer ao limbo onde nascem as idéias e sonhos, onde se forma o novo clima do qual se impregnará um dia o grande público, para surpresa geral. Antes de abordar concretamente o Novo Cinema Americano, que queria, para facilitar a compreensão do problema, mencionar alguns fatores importantes:

1 - O papel crescente desempenhado por Nova Iorque. Nova Iorque sempre se opôs a Hollywood geográfica e ideologicamente. É lá que vivem os melhores críticos americanos, Lewis Jacob, Parker Tyler, Gilbert Seldes, o grupo do Film Culture e todos os membros do grupo de cinema experimental. Robert Flaherty vivia em Nova Iorque; e lá se encontra Sidney Meyers de "The Quiet One"; Kazan de "Boomerang"; Morris Engel e Chayefsky. A "Nouvelle Vague" e Bergman foram consagrados pela crítica nova-iorquina. Então não é surpreendente que a reação contra Hollywood, as idéias e as obras novas, tenham nascido na costa Leste.

2 - No decorrer, deve-se mencionar que o papel dos hollywoodianos Independentes foi bastante exagerado. Os melhores dos filmes hollywoodianos tradicionais (Autópsia de um Assassino, Gigante, Ben Hur) vêm sempre de grandes produtores hollywoodianos. Mas os melhores filmes anti-Hollywood têm pouco a ver com os independentes. Eles são a obra de criadores individuais da costa Leste, ou cineastas diretamente influenciados pelo clima cinematográfico da Costa Leste, "Shadows", "Weddings and Babies", "On the Boverly".

3 - Bergman e a Nouvelle Vague tiraram os críticos americanos e o público de uma longa letargia. Começa-se a fazer campanha por um cinema mais contemporâneo. O entusiasmo do público estimula e inspira os novos cineastas. Eles sabem que nesse clima suas chances de obter facilidades com coragem bastante para suportar riscos. Eles nem sempre sabem exatamente onde vão, mas eles rejeitam categoricamente as velhas rotinas. Às vezes mesmo, cansados de bater sempre à porta dos distribuidores e dos donos de salas de cinema, eles abrem seus próprios cinemas. Assim Lionel Rogosin com seu cinema de Bleeker Street onde ele projeta "Come Back Africa", que foi recusado em tôda a parte. Um outro cinema, The New Yorker, acaba de ser aberto pelo crítico Daniel Talbot: no 1o. programa: "Pull My Daysy". Estes dois cinemas talvez se tornarão as tribunas do Novo Cinema Americano. Seus diretores se declararam resolvidos a mostrar antes de tudo obras de jovens cineastas. O terreno está preparado, a explosão é iminente.

4 - Não se deve subestimar a influência do cinema experimental, obras que ele apresentou nos clubes de cinema em todo o país, jornais e revistas que sustentou, como o Cinema 16, Filme Cultura e, principalmente, do crítico Parker Tyler: estes últimos conseguiram impor a idéia de que para o cineasta se exprimir em total liberdade, para tornar a arte pessoal, não deve mais contar com colaboração das salas comerciais ou dos benefícios da indústria. Este desencantamento e este abandono são as primeiras condições da liberdade cinematográfica. Esta atitude é além do mais encorajada pelo clima prevalecente na Nova América em geral, mesmo entre aqueles que não pertencem mais à nova geração, mas vivem ao lado dela. Não sabendo desenvolver uma atitude que lhes seja pessoal, nós podemos dizer que eles a tomaram emprestado de seus descendentes.

A primeira data capital nesta evolução se situa aproximadamente no outono de 1958, por ocasião da primeira projeção de "Shadows", realizado por John Cassavets. Filme em 16 mm, pela

módica quantia de 15.000 dólares e em seguida em 35 mm, este filme indicou claramente as tendências do novo cinema americano e ao mesmo tempo destruiu o mito da produção por um milhão de dólares. A revista "Filme e Cultura" pôde dizer na época num editorial intitulado "Apelo a uma nova geração de cineastas": Shadows mostra que se faz com 15.000 dólares um grande filme. É um filme que não trai a vida ou o cinema.

O que é que isto prova? Prova que nós podemos fazer nossos filmes agora e por nós próprios. Hollywood e a miniatura de Hollywood dos Independentes não rodarão jamais nossos filmes. A revolução estava a caminho.

"Shadows" é um filme sem intriga, filmado sem script. É então uma série de improvisações sobre alguns incidentes na vida de uma família de Noirs (Negros), dois irmãos e uma irmã. Visto que a maior parte do filme se desenrola à noite, o ambiente é antes de tudo aquele com ruas solitárias e mal iluminadas. Através de improvisações contínuas e de explosão de sentimentos, a tensão do filme sobe gradualmente, sem que se tenha o menor sentimento do constrangimento e simultaneamente uma imagem da grande cidade se forma no espírito do espectador, com suas ruas e seus vagabundos noturnos. Nós descobrimos o ambiente deste formigueiro adormecido, as relações mútuas de seus habitantes, o amor cândido e as querelas familiares. Em resumo, o filme não tem nem pé, nem cabeça. Nas palavras finais, nada



mudou muito, nenhum problema foi resolvido. Mas esta qualidade do acidental, do fragmentário é precisamente o que torna o filme tão espontâneo, tão convincente, tão verdadeiro. Este êxito deve-se muito à sensibilidade de Ben Curruthers que representa o jovem solitário. O personagem nasce de um breve parágrafo, que eu reproduzo inteiramente:

"Benny - Inquieto por não conhecer exatamente a côr de sua pele, ele queria se fazer admitir no mundo do homem branco. Ao contrário do seu irmão Hugh ou de Janet, ele não consegue se libertar de sua emotividade. Ele passou a maior parte de sua vida até hoje a decidir qual era sua côr. Agora ele escolheu ser um branco, o problema para ele é o de integrá-lo. Isto lhe é difícil, porque ele sabe que de certa forma, ele trai os seus. Sua vida é um combate sem-objetivo, para achar alguma coisa de abstrato, sua existência cotidiana não desenboca em nada e ele vai. . . (Fim da cena)". Eu queria fazer um parêntese, que não é apenas um. Existem duas versões de "Shadows". Depois da projeção da primeira versão, a reação dos mais jovens espectadores foi entusiástica. Mas os distribuidores ficaram chocados. Eles conseguiram convencer Cassavets a rodar cenas suplementares e a refazer a montagem para tornar o filme mais comercial. Daí resultou um filme bastardo, híbrido, que não tem nem a espontaneidade da primeira versão, nem sua inocência, nem seu frescor. Infelizmente é a segunda versão que os produtores enviam agora para os festivais e se esforçam por vendê-la. E visto que é a única



<p>FONE 3-2901</p> <p>TUPI CINERAMA HOJE</p> <p>O ÚLTIMO REFÚGIO</p> <p>18 ANOS</p> <p>HORARIO: 14-16,30-19-21,30</p>	<p>DIA 25: NO BAHIA</p> <p>UMA SOBRE A OUTRA</p> <p>- O MÁXIMO EM "SUSPENSE E SEXY"</p>	<p>FONE 3-0798</p> <p>GUARANI TAMOIO</p> <p>14-16-18-20-22 - 18 ANOS</p> <p>CARTER O VINGADOR</p> <p>SEQUE: SARTANA-CADA BALA É UM MORTE</p>	<p>FONE 3-5954</p> <p>A MORENINHA</p> <p>14-16-18-20-22 - 18 ANOS</p> <p>SEQUE: AGARRE COMO PULDER AMORAR</p>
---	---	--	--

versão que muitos espectadores verão, eu queria evitar qualquer equívoco. Todas as qualidades que eu encontro em "Shadows" só estão contidas na primeira versão do filme e nela apenas. (Que começa com Benny caminhando na rua, encontrando seus amigos, o genérico aparecendo muito mais tarde. A segunda versão, a bastarda, começa numa sessão do rock'n'roll e o genérico aparece logo, como em "Look Back in Anger", o filme inglês de Tony Richardson extraído da peça de John Osborne).

O filme francês que mais se lhe aproxima é "Moi, um Noir", com a diferença que Cassavets emprega atores "reais" ao invés de pessoas "reais". Como não possuíam a cena escrita, os atores tiveram que improvisar seu texto no momento da filmagem. A linguagem, as situações, os detalhes da ação, têm todo o frescor que se associam à palavra improvisação.

A fotografia por si mesma reforçava esta impressão de observar a vida em movimento. Muito contrastada, sem rebarba, sem o polido e o esquema hollywoodiano. Nada de embelezamento, nada de John Altan e Cie., nada de maquillage, nada de ângulos procurados muito conscientemente. Somente de vez em quando alguns "close-up" como nos bons velhos tempos.

A fraqueza de Cassavets é a de um debutante, de alguém que anda tateando em terreno desconhecido. Cassavets não sabia bem onde ele ia, ignorava no fundo suas intenções artísticas. O que ele obteve foi mais o resultado de sua "ignorância" que de seu "conhecimento". (Lembremo-nos da observação de Orson Welles



a propósito de Cidadão Kane: "Eu não procurei deliberadamente inventar o que quer que seja. Eu simplesmente disse: Por que não? A ignorância é geralmente um grande dom, ela confere às coisas uma qualidade particular: Foi isso que eu trouxe à Kane: minha ignorância". As imperfeições, elas próprias, o não profissionalismo da técnica, tornam-se parte integrante do filme, o melhor de seu estilo, concedendo-lhe uma certa rudeza, uma certa impureza, que o tornam mais autêntico, menos oficial. Sem saber, Cassavets encontrou esta rudeza, esta impureza que caracteriza toda a arte americana moderna: o teatro de Julian Beck e de Judith Malina, as pinturas de Alfred Leslie, as esculturas de Richard Stankiewicz, os escritos de Kerouac e de Ginsberg — em toda parte você encontrará manchas de gíria e de impureza que num sentido preciso destroem o sentimento da respeitabilidade clássica. Em pintura, por exemplo, os toques finais de Alfred Leslie sobre a tela consistem em salpicos de pintura com os quais ele destrói intencionalmente a ilusão artística para nos colocar no espírito, o estúdio do artista e seus pincéis. Este toque de atualidade e de ação oferece um exemplo do lirismo que nós encontramos em toda a vida e arte americanas. É essa qualidade de espontaneidade que caracteriza "Shadows", é a mesma qualidade que Alfred Leslie ele próprio trouxe mais tarde para o cinema em "Pull My Daysy". Todos eles parecem nos dizer: vivam, estejam em contato com a vida, é muito mais importante que criar arte. "Pull My Daysy", de Robert Frank e Alfred Les-

lie, é uma livre improvisação de uma cena de uma peça de Jack Kerouac. Ela nos mostra uma noite na casa de um jovem habitante do Greenwich Village, um andarilho a quem visitam seus amigos poetas e um jovem "bispo" de uma confissão indeterminada.

Entre os poetas se vê ao natural as imagens da geração "beat", Gregory Corso, Allen Ginsberg, Peter Orlovski, discutindo e gesticulando e improvisando mais e mais, enquanto a mãe do bispo toca o órgão, sua irmã dá bofetadas. Conversam, bebem cerveja, falam de Deus, tocam trombeta, falam ainda. Não se produz nada. A câmara impiedosa e selvagem nos revela o quarto de dormir, a pia, a mesa, os percevejos. Um dos aspectos mais fascinantes de "Pull My Daysy" é a gravação sonora. O filme foi rodado sem som, Jack Kerouac fala por cada personagem, discute livremente suas ações. Durante a gravação do comentário, Kerouac improvisou no mesmo instante, sem nenhuma preparação, sem nada conhecer sobre o filme, numa espécie de transa poética comparável às visões de um santo. Seu comentário tem uma intensidade, um lado mágico, sem precedentes no cinema americano. Como "Hiroshima Mon Amour" e "Moi Un Noir" que perdem muito de sua beleza verbal para os espectadores anglo-saxões, "Pull My Daysy" se arrisca em se ver amputado de uma boa parte de sua gravação sonora nos países que não compreendem o inglês. Robert Frank e Alfred Leslie se declararam à procura da introdução de seu filme: A intenção dos autores foi a de fazer uma obra que responda perfeitamente às exigências delicadas de James Agee: "Os filmes que eu sonho não serão documentários nas obras de pura ficção, penetrando, atacando, ou colaborando com uma realidade que não terá sido fabricada e repetida. "Pull My Daysy" é uma tragi-comédia. "Pull My Daysy" não tem intriga nem segue nenhuma lógica. É sobretudo o retrato da condição secreta de toda uma geração. Poder-se-ia mesmo chamá-lo de um filme "beat" — e o único filme "beat" feito até hoje se a coisa pode realmente existir — do mesmo modo que o "beat" é a expressão da rejeição inconsciente e espontânea pela jovem geração das atitudes dos pequenos burgueses ou dos homens de negócios. Com todo seu absurdo aparente, é o filme mais perfeitamente autêntico sobre a América que nós vimos desde muito tempo. Nada de mentiras, nada de pretensões, nada de moral. Richter e Cocteau já introduziram nos seus filmes amigos pintores ou poetas. Mas eles os utilizam em situações e movimentos simbólicos. "Pull My Daysy" não tem nada a ver com este simbolismo literário. As situações são as de todos os dias, sem intenções guardadas. E portanto a impressão final que se impõe é a de um mundo estranho e absurdo, com sua lógica e significação próprias. Ao mesmo tempo, este mundo é bem o nosso, sem erro possível, o mundo da jovem geração "beat". Além do mais, a fotografia, em preto e branco, está inteiramente de acordo com este clima. Liricamente mítica, elegante e vaidosa, modesta, ela procura incessantemente revelar detalhes e atos que apesar de sua inconseqüência aparente, possuem as qualidades fundamentais da realidade contemporânea americana. Robert Frank, também operador do filme (seu livro "Os Americanos" apareceu o ano passado em Paris e acaba de ser lançado em Nova Iorque), conseguiu destruir o enquadramento estático, composto, artificial, do qual os turiferários da arte muda protestam sempre com emoção e que é ainda um prejuízo para o cinema falado. É suficiente olhar as fotos fixas de Frank para se tomar consciência de que elas não são nunca fixas, nem estáticas. Elas são enquadradas, cortadas de uma forma que o equilíbrio da imagem é constantemente rompido — isto devido à uma série de balanços e de impulsos para a extremidade do quadro, para alguma coisa maior, para a totalidade da vida em ação. Quando os "profissionais" do cinema artificial se indignam e dizem que Frank ignora as regras do enquadramento, que ele corta as cabeças, etc. Eles desconhecem toda a originalidade da verdadeira cine-dinâmica. Frank nos diz: nada de pequenas vinhas; nada de álbuns amorosa e estaticamente compostos de imagens supostamente em movimento, nada de clarões chatos e xaroposos à maneira de Alton; nada de enquadramentos lambidos!

A transformação de Hollywood e de sua cinematografia "oficial" é uma das contribuições essenciais do Novo Cinema Americano. Os filmes de Morris Engel, de Lionel Rogosin e de Robert

Frank, em preto e branco, e o filme em cores de Bert Stern "Jazz on a Sumer Day" fizeram o cinema americano evoluir pelo menos de uma década, eles retomaram a estética cinematográfica lá mesmo onde G. R. Aldo a tinha deixado há cinco anos atrás, por ocasião de sua morte.

Stanley Brakhage num filme de curta metragem intitulado "Desiste filme" (Desistfilm) emprega todas as técnicas do cinema extemporâneo. Ele descreve uma farra entre jovens, com seu exibicionismo, seus jogos de adolescentes, totalmente filmado numa única noite por ocasião de uma verdadeira festa improvisada, com uma câmara de 16 mm, levada na mão a maior parte do tempo e seguindo selvagememente todos os menores movimentos, sem plano premeditado. Esta técnica da câmara em liberdade lhe permite recriar o ambiente e o ritmo de uma festa nos detalhes de suas ações as mais loucas e as mais marginais, de suas explosões de emotividade adolescente. Liberta de seu pé, a câmara percorre tudo, sem se fazer notar nem incomodar ninguém. Aqui, ela se aproxima de um rosto, mais adiante ela segue esses jovens excitados, com movimentos bruscos e trêmulos. Uma perfeita harmonia parece existir entre o tema, a câmara móvel e o temperamento do cineasta. O movimento contínuo da vida é assim apanhado, o filme tem vitalidade, o ritmo e também o temperamento de um poema de Rimbaud, de uma confissão dilacerante — tudo improvisação.

Eles não são intelectuais. São sobretudo seres hipersensíveis, com reações imprevisíveis, seguindo o mais comumente suas intuições e suas visões, pouco rejeitando as convenções estabelecidas. E nós sabemos que o melhor do cinema americano foi criado por tais "ignorantes", de emoções grosseiras, inclusive Griffith. O novo cineasta americano passa por uma desconfinança sistemática com relação aos clichês do cinema oficial. De uma maneira puramente intuitiva, ele começa a conduzir o cinema americano a domínios desconhecidos. Para ele, a sinceridade é mais importante que a técnica e as teorias. A sinceridade do autor, a inocência de atitude, desempenham um papel na arte moderna americana, quase sempre bem mais capital que a perfeição da obra criada. Se se denuncia Hollywood, não é porque ela faça filmes tecnicamente ruins, mas sobretudo devido à falta de sinceridade, devido as poses contínuas e o tom rotineiro que invadem todos os produtos feitos em Hollywood. Podem ser obras tão diversas como "The Defiant Ones" (Os Desafiadores), "The Nun's Story" (A História de uma Freira), "Middle of the Night" (Meio da Noite), "The Diary of Ann Frank" (O Diário de Ann Frank), "Anatomy of a Murder" (Anatomia de um Assassínio): eles têm sempre alguma coisa de pretencioso e de ridículo.

Se você quiser situar a geração "Beat" e levar suas atitudes ao extremo, você se encontrará provavelmente ajoelhado aos pés de São Francisco de Assis. Inocência, sinceridade, franqueza, são os objetivos principais. Os novos cineastas americanos preferirão frequentemente melodramas juvenis ou gravações de ficção científica técnica e esteticamente inferiores, se eles são honestos (e grande número deles é) às obras bem acabadas, mais pomposas e insinceras do Filme de Arte.

Eu falei mais acima da importância de Nova Iorque como centro do Novo Cinema Americano. Portanto, mesmo na Costa Oeste, os sinais de uma renovação aparecem. "Private Property" de Leslie Stevens é uma das primeiras produções que diferem radicalmente da tradição hollywoodiana. Pequeno orçamento, atores desconhecidos, cenários mais contemporâneos e sobretudo espírito diferente. A contribuição do cinema da Costa Oeste poderia ser a de rejuvenecer um pouco Hollywood, de colocá-la em contacto com sua época.

O Homem Novo é próprio. Quem quer que seja que pedisse a esta geração, obras de arte com pontos de vista filosóficos e estéticos bem definidos, deveria ser encarcerado. A década que se aproxima será marcada pela busca intensiva e pela explosão dos sentimentos, cuja finalidade é a de penetrar nos recantos mais secretos e menos contaminados da alma humana, enfim um esforço desesperado para escapar dos clichês da arte e da vida.

DEZ ANOS DEPOIS

<p>FONE 3-6761</p> <p>CINE BAHIA</p> <p>14-16-18-20-22 - COLORIDO - 18 ANOS</p> <p>SEU CASO ERA MULHER</p> <p>SEQUE: UMA SOBRE A OUTRA</p>	<p>FONE 3-0362</p> <p>LICEU POPULAR</p> <p>14-16-18-20-22</p> <p>3ª SEMANA O ENTERRO DA CAFETINA</p> <p>SEQUE: QUANDO MEM LAMANTE KLUIVE</p>	<p>FONE 3-1831</p> <p>POPULAR</p> <p>14-16-18-20-22</p> <p>7ª SEMANA LOVE STORY</p> <p>SEQUE: A MORTE TEM CORA DE ANJO</p>
--	--	--

APRESENTAÇÃO DE GILSON RODRIGUES



H DE HELENA INÊS

OU COMO DISSE O ETERNO: NÃO SE GLORIE O SÁBIO NA SUA SABEDORIA, NEM O FORTE NA SUA FÔRÇA, NEM O RICO NAS SUAS RIQUEZAS; MAS NISTO SE GLORIE AQUELE QUE SE HÁ DE GLORIAM! POR ISSO HELENA INEZ, PURIFICADA NO CRISOL DA HARMONIA UNIVERSAL.

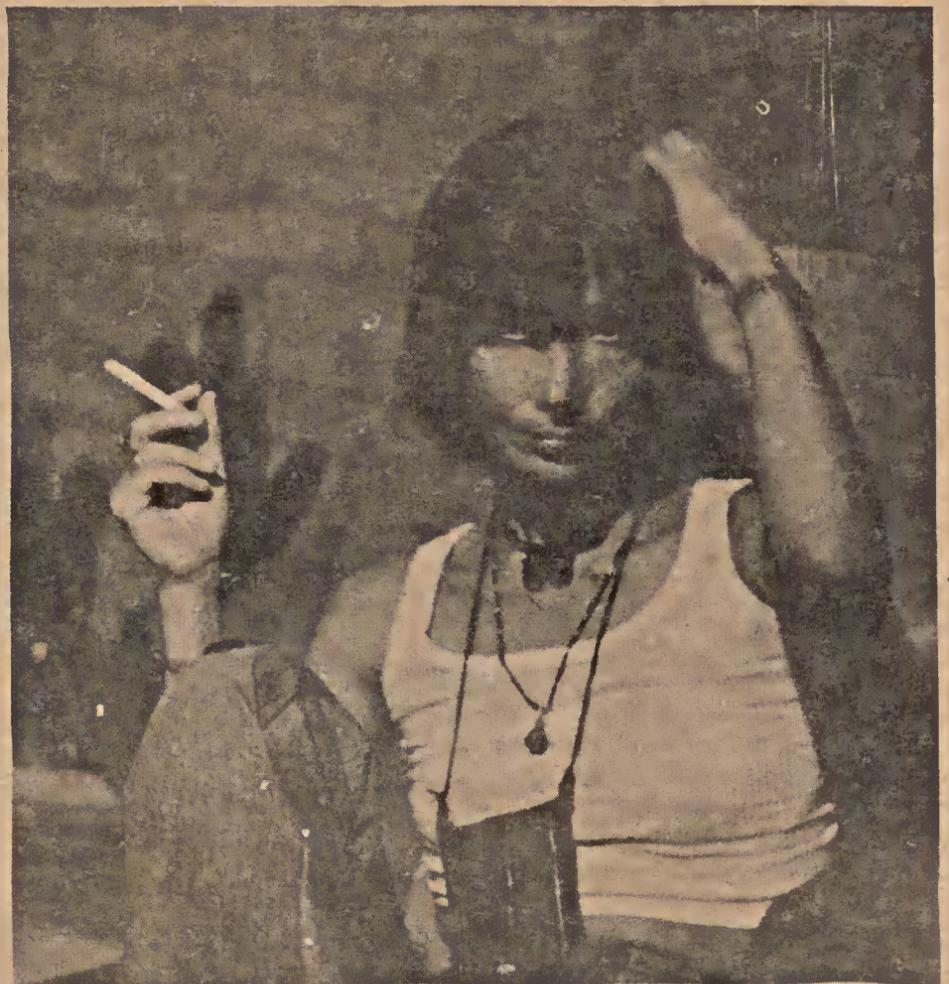
- HUMANIDADE** Eu gosto muito dela
- HOJE** Tô aqui
- HARMONIA** Existe em tôda parte. Por onde andei.
- HORA** Ora, veja!
- HERANÇA** Não tenho nenhuma.
- HAIR** Cortei.
- HOMENS** Gosto muito.
- HEITOR VILA-LOBOS** Fantástico.
- HIPPIES** Há dois anos me tomam por êle. Na África, eu e o Rogério recebemos muita esmola, engraçado, 'êles tinham a maior boa vontade, abriam nossa mão e colocavam grana. Viajamos adoidado, quase iríamos a Índia. Fui atropelada na Nigéria e fiquei 15 dias num hospital. Lá tem muita doença. Piolho voa como mósca, todos mosquitos dão malária. Tudo é paupérrimo, os franceses ordenaram êles a cultivar o amendoim. E há tudo de amendoim, farinha, doces etc. Viajei por cima de caminhão, dormi na



- HÁBITO** O de não poder tê-lo.
- HÉLIO OITICICA** Bom dia!
- HERÓIS E HEROÍNAS** Um chiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! tudo isso que posso dizer, realmente.
- HISTÓRIA** A do HOMEM foi deturpada. (!!)
- HEITOR DOS PRAZERES** Lindo!
Começa a se falar da Divina Comédia. Dante é explicado. Alvinho, Ricardinho, Bião, Athenodoro, Helena, num diálogo dantesco.
- Êle conheceu Beatriz, com 9 anos

estrada. No meio da estrada, com muita fome tomei um iogurt e por isso também fiquei doente. Êles misturam o iogurt com mijo de vaca para cortar o leite. Só que a vaca estava doente e eu fiquei com a doença da vaca. Mais foi tudo fantástico. O Rogério filmou na África e vendeu seus filmes em Paris. Rodamos 6 meses por aquela área, descobri que só no Brasil se fala uma língua.

- HORRÍVEL** Não saber viver
- HONESTIDADE** Eu tenho
- HOTEL DAS ESTRÉLAS HENDRIX** Não é meu lugar, entenda.
A coisa mais fantástica que eu vi em minha vida. Vi em sua última apresentação. Foi na Ilha de Wight, êle estava de camisa rosa. Fantástico.
- HARRISON** Interessante.
- HOW DO YOU DO HAVER** Very well, thank you
Não há
- HEI DE VENCER** Não é meu lema.
- HONRAR PAI & MÃE** Correto
- HYDE PARK** Prefiro a praia da Bahia.



— Que lindo!
 — Amaram-se muito. Mais tarde ela era santa, pelo tanto que amou. Dante canonizou Beatriz na Divina Comédia.
 — Não sabia que você sabia tanto de Dante. Alegro em saber. Leitura agora, só os clássicos.
 Começa no Inferno, depois o purgatório e por fim o paraíso.
 — Você não acha que é assim mesmo? Por fim o céu.
 Maomé está no inferno. Orfe no purgatório. Será?
 Não vejo Maomé no Inferno. Nem Baco.
 — Não está bem transado, não.
 — Também não estou muito lembrado.
 — Quando ele acordou de um sonho, encontrou o poeta Virgílio do seu lado. O poeta acompanhou ele pelo Inferno, o purgatório. Mas ele já era morto.
 — Então a transa é essa.
 — Tanto que os outros ficaram admirados quando eles saíram do Inferno.)

HAXIXE Tem de má e boa qualidade, por aí.

HATA YOGA Seríssimo!

HERMAN HESSE Agora passei amá-lo. Eu achava horrível, agora não. V. tem lido ele de dois anos para cá? Tô amarradíssima! Mas eu prefiro qualquer indiano anônimo, a ele. Lf muitos indianos anônimos; pensam de uma maneira fantástica. Dão tudo p'ra gente. É o que eu tenho conseguido ler.

HONG-KONG Chatíssimo, deve ser.

HIT-PARADE Eu gosto de todos

HELENA INEZ Tenho impressão que vim de outro planeta. Leva a sério isso. As coisas acontecem de maneira. . .

H₂O YIN.

Helena Inês no verão da Bahia, numa noite de lua em beira de praia. Ondina. Penúltimo dia do ano 71.



NOTAS SOBRE HELENA INÊS

Éles chegaram. Tão aí. Gilson Rodrigues cantou. Como no verão passado, com as festas. O baton de Helena, aqueles cachos de Rogério, seu bigode da RKO, Helena com lantejoulas coladas no rosto, umas estrelinhas, cabelos vermelhos. Sardas pintadas. E chita remendendo a calça.

NO DESERTO DORMI EM CIMA DE SACO DE TÂMARAS

Telefone para a casa da família de Helena, é chegaram, tão por aí. Depois encontro Rogério. Ainda no telefone. Marcamos encontro e combinamos entrevista. Para as 8. O carro da gente enguiça na estrada, sem telefone. No dia seguinte o mesmo lance. Para a mesma hora, na casa de Ondina. Linda casa. Rogério Sganzerla do "Bandido da Luz Vermelha"/ "A Mulher de Todos"/ "Copacabana Desvairada". Os filmes foram exibidos para a Paramount, mas fecharam negócio mesmo na Europa, até Alemanha. Vou logo sabendo das transas. Ele está na varanda e me dá dois beijos de amigo. Quase não fala, ri muito e discute com Ricardinho quantas horas se leva a pé de Mar Grande a Itaparica. Depois de meses em toda a Africa Negra está com o cabelo mais curto. Filmou lá. Helena pede as fotografias porque as últimas que tirou foi no lambe-lambe da Sé para o passaporte.

VERBO PARECE COM O "SOUND". É MUITO BONITO. VOCÊ CONHECE?

Não eu não conheço, quem conhece é Bião que estava em Londres e eles se encontravam lá na casa de Caetano. Ricardinho faz as fotos, acha que tem pouca luz, Helena traz um abat-jour, a lâmpada espelhada é muito forte. Helena está magra, bem magra e sedosa. O abat-jour não faz contacto tomara que Ricardinho acabe logo porque eu tenho medo de choque.

PERDI A MALA COM TUDO DENTRO, ESTOU COM A ROUPA DO CORPO.

Perdeu mesmo, sumiu do aeroporto. E ela e Rogério pelo mundo, na hora de vir para o Brasil, cadê a mala? O gato comeu. O papo vai para Dante, e Helena quer comprar amanhã, pergunta quem está no céu, no purgatório, no inferno. Pergunta se as figuras são fixas, se quem está numa pode passar para outra. Só o paraíso deveria ser fixo, as outras esferas móveis, porque sem essa de ficar no inferno para sempre, não é assim, e o amor de Deus? O caminho do espírito é sempre na direção, nos caminhos de Deus esforço não meço. Só Athenodoro e Ricardinho leram Dante. Deve ser um barato, ela vai comprar amanhã de manhã. O hospital onde ela ficou internada era Níger, uma pobreza muito grande. Foi atropelada e mostra as marcas no braço, o corpo de Helena é bonito, se move no ritmo de sua cuca premiada. E muito viva, sua Inês é viva, vivíssima.

ESTOU NA MACROBIÓTICA PORQUE QUERO VIVER MUITO.

Eu digo que vou viver muito porque sou de Capricórnio. Ela de Gêmeos, como Bião, Ricardinho e



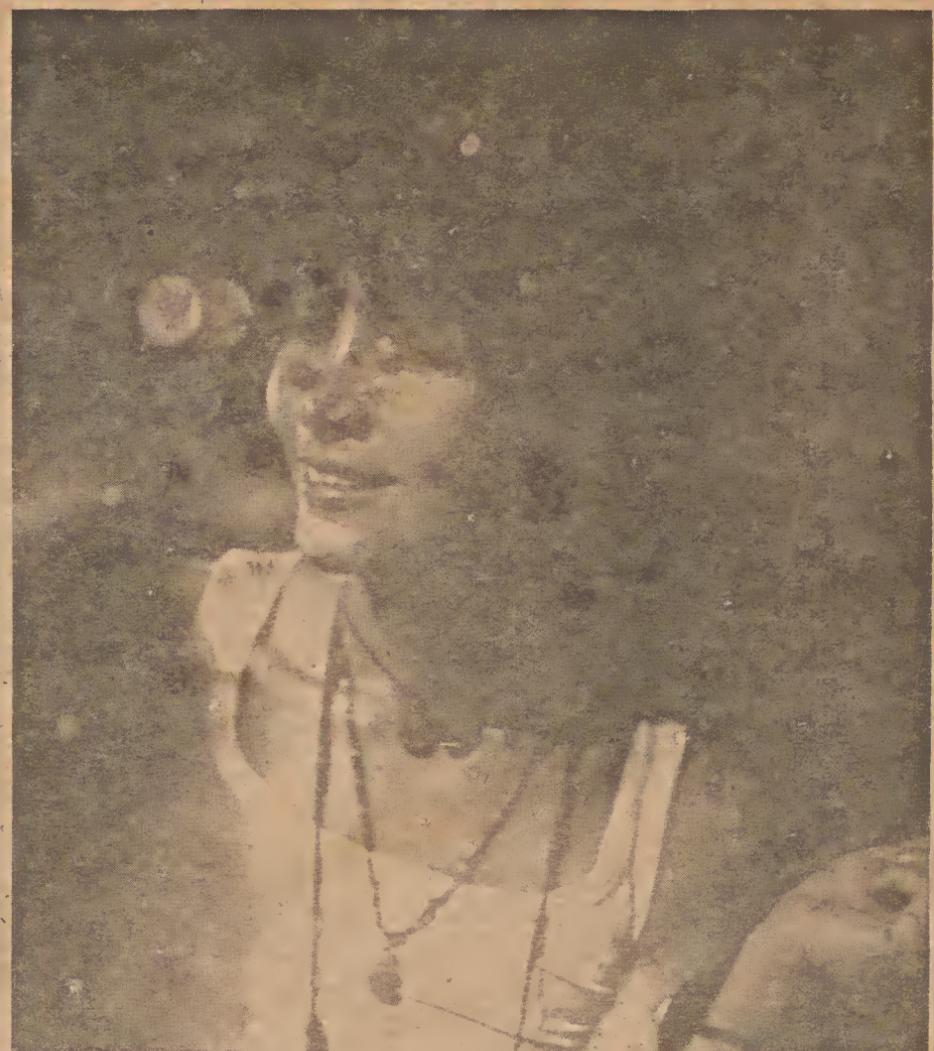
Isadora Duncan. A última vez que vi Helena numa tela foi em "Barão Ólavo" de meias vermelhas e os olhos manchados de azul brilhante. Ela dança, corre, e fala que gosta muito daquele trabalho, hoje não está mais naquela, mas acha legal, bonito. Ela sentada numa cadeira azul, pergunta pelas pessoas, pelas transas. E acha que eu sempre gostei de jornal. E de Paloma.

PALOMA ESTÁ LINDA, ADORA CRIANÇAS, ESTÁ LINDA COMO UMA AFRICANA.

A filha Paloma esteve em Londres, viajou muito. Como Helena que está sempre por aí, pelo mundo. No Rio onde só parou para trocar de avião.

O RIO ESTÁ LINDO, DE SOL.

Helena está linda. Nada de falsa baiana. Quando ela arma sua dança é prá mestre nenhum botar defeito. Vive bem. Tranquila, feliz, atriz.



COMO SELECIONAR BOAS AÇÕES

Não existe regra infalível para ganhar dinheiro ou um padrão de investimentos para todo mundo. Primeiro porque se alguém conhecesse essa regra, não iria divulgá-la; segundo porque o investimento ideal para um pode ser simplesmente razoável, se não desastroso, para outro.

Lembremo-nos que tod investimento é resultado de opções em termos de rentabilidade, segurança e liquidez. Assim, você pode achar excelente o investimento que lhe dê um lucro de dez por cento, do dia em que você o aplicou até quando for retirá-lo para fazer uma viagem. Nesse caso você não está tão interessado em rentabilidade, mas em fazer uma aplicação que pelo menos neutralize os efeitos da inflação, durante o tempo em que você não está precisando do dinheiro. É aquela situação em que você programa uma viagem para dezembro e recebe uma "bolada" em junho; se você gastar o dinheiro, pode ser que em dezembro esteja na pior e não tenha onde conseguir outra "bolada" imediatamente. Por outro lado, se você deixá-lo guardado, o dinheiro perderá o poder aquisitivo. Daí o seu interesse numa aplicação de apenas seis meses que não corra muito risco. É provável que você decida aplicá-lo em títulos de renda fixa, que atendem ao que você deseja.

Este mesmo dinheiro em mãos de outra pessoa que não tenha uma viagem programada, poderá ser aplicado por um prazo bem maior, desde que, com isso, a rentabilidade aumente. Como essa pessoa não tem prazo para retirar, pode correr um risco maior, pois, se em determinado momento a sua aplicação

não estiver boa para ser retirada, ela simplesmente aguardará mais algum tempo, até chegar a época das vacas gordas, quando terá um bom lucro. Em outras palavras, ela poderá se decidir pelos títulos de renda variável, que melhor atenderem aos seus objetivos.

Como vemos, é relativo o conceito de bom investimento. Entretanto, se não existe regra infalível, nem investimento ideal, existem determinadas práticas de seleção de ações que apresentam maiores probabilidades, que o investimento sem critério.

• Uma dessas práticas é investir em atividades inovadoras.

Que vem a ser isso?

Nós sabemos que a economia não é estática. Em determinados momentos surgem atividades inovadoras que possibilitam o progresso da economia. Isso aconteceu quando se descobriu a máquina a vapor e se a utilizou na indústria; aconteceu quando surgiram as primeiras ferrovias como meio de transporte e quando o automóvel passou a ser produzido em série, o que lhe permitiu desempenhar o papel que hoje desempenha.

É evidente que essas atividades inovadoras oferecem maiores possibilidades de ganho que as atividades tradicionais. Por isso nós constatamos que na Bolsa de Nova Iorque destacam-se, hoje, as empresas de computadores, e na Bolsa de Tóquio as de aparelhos eletrônicos.

É verdade que o Brasil não se destaca pelas inovações tecnológicas, dado o nosso estágio de desenvolvi-

mento. Entretanto, se analisarmos as fases do desenvolvimento brasileiro, veremos que, embora não tenhamos empresas inovadoras, algumas atividades existem que representam uma evolução em relação às atividades econômicas simplesmente agrícolas e extrativas (na qual só exportávamos matéria-prima, sem condições de industrializá-la, para a fase em que nós próprios industrializamos nossos produtos básicos, tais como o ferro e aço, petróleo e seus derivados, cimento, celulose, papel, fertilizantes, cujas matérias-primas sem nenhum grau de industrialização, passamos a exportar café solúvel, minérios industrializados, algodão industrializado, couro industrializado, etc.

Portanto, no caso brasileiro, podemos destacar algumas atividades que, se não são inovadoras no sentido da palavra, pelo menos definem e se enquadram na nova tendência da economia como um todo. Para citar algumas, podemos destacar a siderurgia, a mineração, o petróleo e a petroquímica.

Em resumo, se você quiser ter certeza de que está fazendo um bom investimero observe e analise os diversos ramos de atividades que estão surgindo, e estude as suas possibilidades de contribuir para o progresso econômico.

Só para ilustrar a questão de atividade tradicional e atividade inovadora: você compraria ações de uma fábrica de chapéus, ou de uma fábrica de fertilizantes?

Outras práticas veremos na próxima semana.

Evandro Checucci

RESTAURANTE E DRINKS APOLO

R. MIGUEL CALMON 3, 1º AND
TEL. 2-0970 SALVADOR - BA



SEU JANTAR

Ar condicionado.
música estereofônica.

CASA NOVA ESPORTE



Esportes, Tecidos em Geral
Rua Lopes Cardoso, 14 - Telef. 3-1508
SALVADOR - BAHIA

IMÓVEIS E OUTROS GRILOS

Já que falamos sobre a construção por empreitada, que é um verdadeiro bode, por sinal, meu nasal, consideremos, now about, a construção por administração.

Quando nas incorporações em que a construção fôr contratada pelo regime de administração, também chamado por alguns sofisticados "a preço de custo", será de responsabilidade dos proprietários ou adquirentes o pagamento do custo integral da obra, observando algumas disposições:

- 1) Todas as faturas, duplicatas, recibos e qualquer documento referente às transas para a construção, serão emitidos em nome do condomínio dos contratantes da construção;
- 2) Todas as contribuições dos condôminos para qualquer fim relacionado com a construção, serão depositados em contas abertas em nome do condomínio dos contratantes em estabelecimentos bancários. Essas contas serão movimentadas de acordo com o contrato que fôr celebrado, com BRADO. Braço Quebrado.

No regime (Qual?) de construção por administração será obrigatório constar no contrato o montante do orçamento do custo da obra.

Peço licença a todos para citar, coisa de extrema necessidade para mim, uma frase de dinâmico homem de um setor ligado a incorporações, por sinal, o único cara (considerado por todos do Verbo) que não é careta. Digo isto, porque de acordo com Bião, no Verbo todos são caretas. Mas, como diz o nosso amigo: "Tragam-me problemas, as coisas fáceis tornam-se indolente"... Lindo, vocês não acham? Principalmente dito por alguém que gosta mesmo é de dar problemas para os outros. Problemas pacas... E com isto a careca do Ângelo cresce assustadoramente.

But, eu, por acaso dizia que, aliás, digo que a Comissão de Representantes tem poderes para, em nome de todos os contratantes:

- 1) Fiscalizar concorrências relativas às compras dos materiais.
- 2) Contratar, em nome do condomínio, qualquer modificação que qualquer adquirente deseje.
- 3) Fiscalizar a arrecadação das contribuições destinadas à construção.
- 4) Praticar todos os atos necessários ao funcionamento regular do condomínio.

Em toda a publicidade escrita destinada a promover a venda das incorporações, deverão constar o preço da fração ideal de terreno e o montante do orçamento do custo da construção.

Esta exigência é dispensada quando o anúncio fôr para classificados de jornais...

Café

Em tempo: Na próxima semana, sensacional entrevista. Alucinante! É verdade que é!

ONDE SÃO SERVIDAS AS COMIDAS DOS ORIXÁS

Maria de São Pedro era uma rainha da Bahia.

feita de porte, bondade e arte.

Jorge AMADO

restaurante maria de são pedro

mercado modelo



TRECO ESPECIAL

Recebemos visita de um pessoal de São Paulo. Eles formam o GRUPO, um grupo de teatro profissional que apresentou ano passado em São Paulo, o espetáculo "Luxo, Som, Lixo ou Transanossa". E agora estão aqui, Transando na Bahia. Dia dois de janeiro houve estréia na Capelinha do Solar do Unhão. Segundo o material de divulgação, o Luxo, Som, Lixo ou Transanossa "é um trabalho de pesquisa sobre comunicação e participação de público". E é por isso que eles vieram à Bahia. Estudar e observar sobre "a participação de um público novo em um novo local". O espetáculo tem roteiro, cenário e figurino de Neide Arruda e Antonio Carlos (que fala de seu trabalho como uma mistura de festa popular e terapia de grupo). Luxo. No elenco, Antonio Carlos, Dora Santos, Edson Santos, Eloy Simões, Fernando Benincasa, Milla Camargo,

Neide Arruda, Renato Truler, Sargento e o Transasom, Som. "O espetáculo segue um roteiro em que apresenta muita música, dança e jogos". Tem música de Luiz Gonzaga, Waldick Soriano, Adelino Moreira (Meu vício é você é a música do Adelino), Caetano Veloso, Ari

Barroso e Roberto Carlos. Os críticos de teatro falaram, Lixo. José Márcio (Veja), Sábado Magaldi (Jornal da Tarde), e Hilton Vianna (Diário da Noite). O primeiro: "...aquele alvo desesperadamente procurado e raras vezes atingido pelos teóricos de teatro de vanguarda". O segundo: "...através de um diálogo de-

sinibido com os espectadores, o grupo consegue uma participação espontânea...". O terceiro: "...um espetáculo extra". Estiveram aqui na Redação e adoraram. Legal. O Verbo é encantado mesmo. Sucessos.

TREKINHOS

Leve seu pano legal pra ser tratado. Trate ele bem que você vai vestir é ele mesmo. Na Mocó o pessoal sabe como fazer isso. Entregue seus panos lá. E se encontrar o Charles, dê um abraço nele que o VERBO manda. A Mocó está agora ali na Ladeira da Barra, defronte do Grande Hotel da Barra, na loja do andar térreo do edifício Rômulo um prédio de três andares.

O samba da pesada da onda deu uma de grande de letra. Osmário Muniz e Galvão, a moçada dos Tradicionais do Samba, transaram um som-samba classificando-se com a marcha Curtição (de Marinho) e aqui vai o refrão de Galvão: toté toté maiongá maiongolé.

Meu santo, táxi em Salvador é um saco. Outro dia o Sandes se sentiu mal e tinha que ir pro Atende. Nenhum táxi parou e os que pararam não estavam a fim de. Como é que pode?

Minhas roupas são da Trappo, e quem faz é o Eliot. Confio muito nele e sou sempre bem atendido. O lugarzinho é relax, confortável, e os meninos umas jóias. Apareça por lá.

João Gilberto transou com a gente. Amanhecemos o dia com João curtindo seu pinho, um som maravilhoso, era manhã cedo. Café foi quem trouxe ele no último dia de 71. Ele saiu de nossa casa para o aeroporto. João, essa pesada fantástica, um menino.

A Campo Grande Cia. de Seguros encerrou 71 botando prá esbuzelar. Fez grande e boa clientela. E quem é Inspetor de Produção? Ora, Dadauca Chagas, que é dos nossos, amigo Verbo.

Transas de verão: óleo de praia só tem de dois tipos, um que é feito de urucum com óleo johonson. O melhor urucum é o de Lencóis,

os outros não prestam. Tem também o óleo que a avó de Mônica vendeu o know-how pros hippies. Os dois são maravilhosos. O mais é BOTA AS MÃOS nas cadeiras, faz favor de mexer.

Dona Maria do Cramo é uma baiana de acarajé do Abaeté. É maravilhosa. Os acarajés são bons. Melhor é o fato dela ser a baiana mais poluída pelos hippies. Ela fala: "podes crer" e "amizade". Mas da pesada mesmo é a exclamação que ela criou e que nós adotamos: AI MINHA CAMA!

Falaram: Fora da Caridade não há salvação. E Dona Edna tá afim disso.. Mandou nota pra gente pedindo que todo mundo ajude o Instituto de Cegos. Ora, como? Pagando vinte cruzeiros anuais (foi o que ela disse). E vinte cruzeiros é grana pouca. São cinco meses de Verbo, ou vinte exemplares de cada um.

Sua coleção Verbo vai ficar mais bem guardada numa capa (ou encadernação). Aguarde. Aguarde e guarde todos os Verbos. Se estiver faltando algum, procure na Barraca de Chocolate no Mercado Modêlo ou na loja Transa de Zito Saback no Grande Hotel da Barra.

Vamos falar de bancos. Vamos sentar e descansar nos bancos dos jardins dessas cidades brasileiras. Vocês sacam (cheques inclusive) o Banco Expansão Industrial? Nem eu. Sei. que lá tem um contador da pesadíssima, demais de bem dinâmico, o Edgard. E quem falou tá sabendo. E eu confio na fumaça. Onde há ela, há fogo embaixo dela.

E Waldir Serrão, essa flôr de gente? Apareça Waldir, a gente quer conversar com você. E



bote prá quebrar com Big Ben, e saiba que a gente viu você cantando rock na tevê. Um barato, um barato!

Mário Krutman esteve em Salvador. No Rio ele transa com publicidade. Veio curtir com a família, ficar perto de sua gente, pelo fim de ano. Olá Mário.

Casa nova na noite baiana: Dique Hause. Bar-restaurant e show folclórico. Na Vasco da Gama, 292, no Dique do Tororó. E os preços? Cuidado prá não dar uma de Varandá onde você só pode ir se tiver mina de diamante ou poço de petróleo. Ou ser otário. Felicidades Dique Hause.

Koisa Paka, de Wânia e Zorba está com coisas lindas maravilhosas sensacionais. E eles são ótimos, tem aquelas poltronas plásticas, aquela escada linda, roupas lindas, gente linda.

E o Bar Caninha que a gente tá sempre promovendo aqui? A gente vai aparecer por lá prá ver se é verdade o que eles mandam dizer a gente divulga. Aguardem. Já soube que é caro paca.

E o Fernando José? Ele é amigo Verbo, um locutor da pesada, na rádio Cultura que gosta do Verbo, e o Verbo gosta da rádio, do pessoal de lá, França, Alvaro, Dadauca, Fernando José. Um pessoal muito quente e muito louco. Viva!



LEÃO ROZEMBERG
fotos e filmes

CARLOS GOMES, 20/22
BAHIA - BRASIL

TELS. 3-5181 - 3-5182



Sue

Galeria de Arte

AV SETE, 35/37 - S/312/13 SALVADOR TEL. 3-4773

BARRACA OGUM
de BERNARDINO MACHADO



Autentico artesanato em:
Couro, Missanga, Cobre, Jacarandá,
Prata, Lapidação em cristais e garrafas.
Artigos exclusivos,
preços sem competidor.

Mercado Modelo - 1.º andar - Quadra L n.º 8 - Salvador-Ba.
Térreo - Quadra O - n.º 2

a Imperial
móveis Ltda.

MOVEIS E DECORAÇÕES
CLASSICOS E MODERNOS
ADORNOS E PRESENTES
VENDAS A CRÉDITO

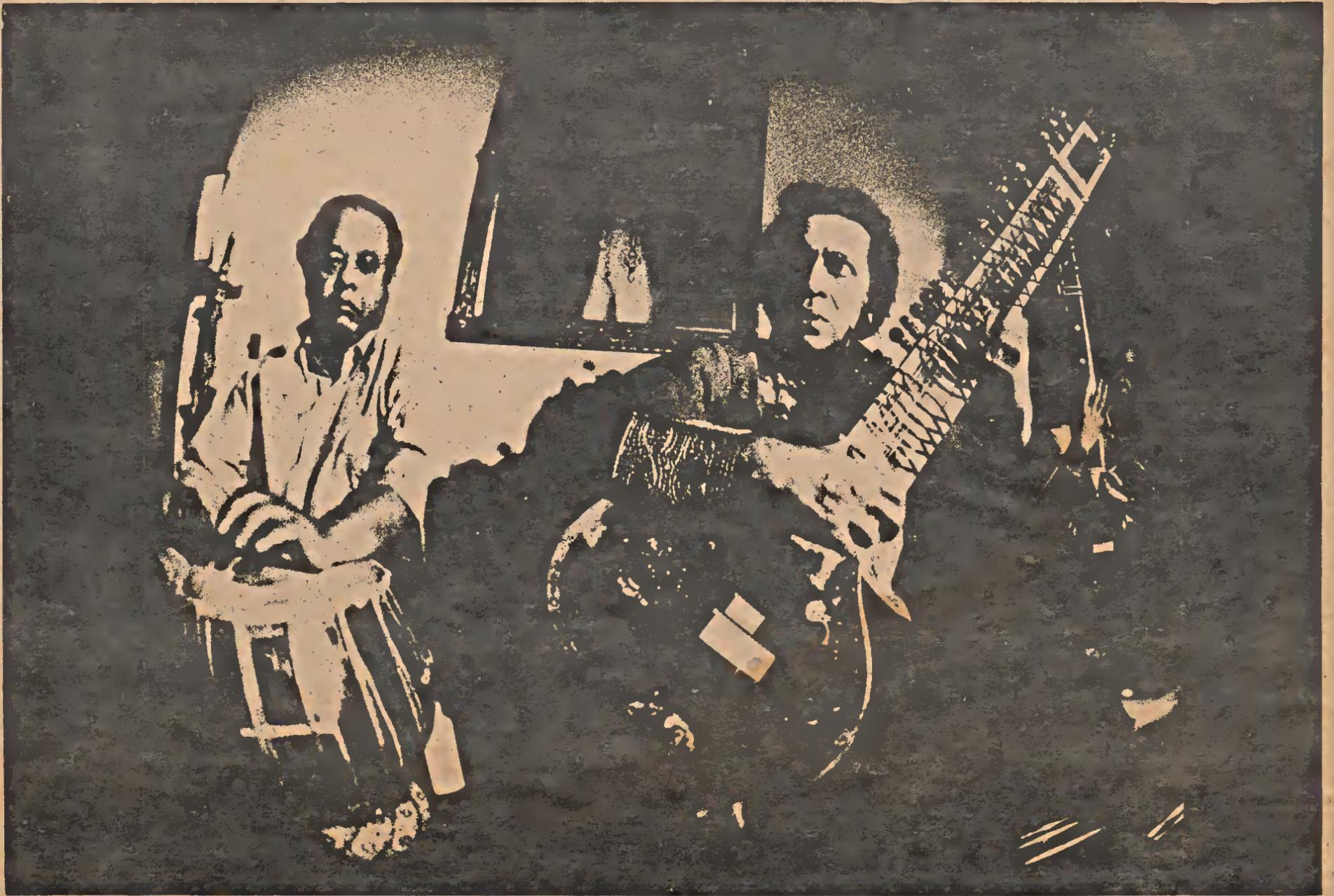
FIJIAL: RUA RECIFE, 1 - ESQ. C/MARQUÊS DE CARAVELAS - BARRA AVENIDA
TEL.: 5-4610



QUAL É?



BB



Não sei o que está havendo.

Parece fantasmagoria, o quadro que era da avó e estava na fazenda. Não posso entender, está no quarto dizendo amém. Amém. Você com esse ar aborrecido desta vida levada que tem levado. Também pudera, hay nosotros.

As vezes quando acordo de noite e vejo as estrélas pregadas no céu da minha cuca, negro e animado como tôdas as noites do mundo. Sou alvíssimo. Ganhei esta roupá que me veste, clara como clara de ovo para o bôlo que você gosta, mas você não pode comer o bôlo, tá na loucura de nôvo. E quase não dorme.

Também é verão você gosta de folia. Legal.

Falo do anti-teatro.

Falo de ontem que você esqueceu na gaveta e pega nêlo toda vez que veste a túnica. Sua túnica indiana tão cara. Assim vejo você neste baratino e não entendo que se durma em frigorífico, porque é frio. Talvez você entenda falando assim de "cold turkey".

Você sabe o que é?

É peru frio, glória da pesada, pesada mesmo, e só sei porque sou da leve, da mais leve e minha leveza é resistente. Com a reinação deste urubú feio, e sua mulher urubua, deste quintal velho, a gente precisa.

Você fala vagamente e isso é lindo.

Você inventa suas roupas, vermelho e branco.
Você não usa meias.

De novo Bob Dylan e até o fim, porque não há outro. Ele diz com a gaitinha que cuca precisa de cuidado. Que você é santa pessoa. Cuidado com sua cuca.

Não deixe entrar preguiça ou bobeira. Cuidado com os mayas. Já lhe adianto que a doutrina esotérica ensina—maya é ilusão.

Quando você toma uma coisa por outra. Troca as antenas. Os mayas são perigosos, eles atentam, e se fazem passar pelo que não são. E é tal a semelhança que você vai e raspa o chico na ostra.

Diz que não existe, que não importa.

Existe a luz do sol tão forte que lhe encontro de óculos escuros. Triste por saber que o sonho acabou mas você prolonga, prolonga, puxa o papo e é chato.

Quando você está aqui o resto do mundo está longe.

Tudo é longe daqui.

Geografia aplicada.

Vejo as provas das fotos de Waly Sailormoon e Luciano Figueredo para a capa do Verbo 11, fazendo pôses na areia, bonequíssimos. Lindo, um trabalho curtido, de poetas e gráficos e plásticos. Sacode as cadeiras, menina, faça o favor de mexer. Leia os jornais, os nacionais e veja lá o que se escreve dêles, da transa dêles com Gal. O show, FATAL. O trabalho dos meninos, de Capinan, Jorginho, Oscar, eles, Ivan e as IVAMPS que é gente que você não ouviu falar muito, a fina flôr e fina flora e fauna do nosso pensamento claro e ativo.

Pois num mundo onde o sonho acabou a carruagem dourada coberta de fitas parou na colina (Rimbaud).

Pois num mundo onde o sonho acabou tem que estar atento, não de bode, despencando, assim Ele te larga de mão, ó criatura preguiçosa. Esticando o Tempo.

Ó amizade, esticando o Tempo?

(Agora eles, os meninos trabalham.)

E você que não faz pelo menos aprenda espanhol para traduzir hay nosotros e talvez você assim cante o bolero até o fim.

Ou fica mudo e dá vexame porque está na hora do qual é.

Que chega prá todo mundo e chegou quando o sonho acabou.

Eu falo nisso, é o que a gente tem conversado na varanda de noite na rede e seu braço suado está no meu ombro, a pele risonha.

Assim quando seu braço me abraça e se conversa em voz baixa, enquanto. Falamos disso. A noite passa e você no ouriço. É isso o verão consome. Já vai sair de novo..

Mas sempre é tempo prá pensar, ainda neste abraço que me acompanha, e me converte em parte sua. Tudo é igual, a nuvem não deixa você ver direito, assim com neblina espessa parece que nunca acaba. A planície está adiante, seu tesouro de ouro besouro.

Mas em Gotham City tem um abismo na porta principal).
Vê se me entende.

Alvaro Guimarães

P.S. — Se lembre se puder, talvez.

Que também não há muito tempo prá pensar.

E esta bobeira, tá bem.

Mas se você me chama assim, pela cor que me confiro, distinção nota dez. Antes seria malhor a loucura mesmo.

Que as trevas.

Não está fácil, este calor, e se você dormir na outra cama eu posso dormir melhor. Para acordar nas cidades onde um homem é o rei da natureza, e ninguém pode dar de falsa baiana.





É AFILHADA DA REDENTORA

São Sebastião do Passé, cidade de dez mil habitantes, antigo feudo do coronel Luís Ventura Estêves, dos últimos representantes do coronelismo no Brasil.

Salvador e Feira firmes na corrida para unirem-se numa megalópolis: O encontro pode dar-se em São Sebastião, pois fica no meio do caminho, a uma hora de ambas. Distância também que a separa de Alagoinhas e que equivale a uma viagem de ida e volta pra Candeias, Santo Amaro, Pojuca, Mata e Catu. Diariamente saem seis ônibus de Salvador para aqui, a passagem custa 2,40. Vindo de outra cidade deve-se saltar no Km 49 da BR-324, vulgo Rio-Bahia, onde existe uma espécie de trevo rodoviário, e tomar um lotação que, 8 km após, lhe deixa na praça principal.

Os dias de maior movimento são de quinta e domingo. Sábado tem feira, uma multidão barulhenta que compra e vende na periferia do mercado. Não tem de tudo, mas sempre existe uma surpresa. O mercado é grande e com colunas esguias, todos dizem e acreditam que é cópia autêntica do de Brasília, "o-mais-moderno-do-mundo".

Domingo é maravilha, na Praça Góes Calmon uma fonte com repuxos coloridos, som estereofônico, faz todo mundo vir à praça. A música é variada de Gal a Valdick. A partir das sete horas atravessar a praça (do tamanho da praça da Sé) só empurrando e tomando muitas pisadelas, tem gente demais.

Cinema são dois, o Taquipe (da Petrobrás) e o Janser, com filme novo todo dia e três sessões aos domingos, passa filmes da moda e é bem frequentado. Clubes Sociais o melhor é o Vera Cruz, as festas de maior sucesso é quando toca um conjunto local, o Geminni Sete. Buates fecharam, mas no Palhinha e no Canequinho, bares da moda o ouriço é bom.

Quem não tiver saúde, é só ir ao bairro de Araçatiba tomar banho e beber na Fonte da Saúde, são seis banheiros com

chuveiros, a água tem gosto de enxôfre mas dizem que é bom para a pele e para o fígado.

As igrejas são duas, a de São Roque e a de São Sebastião, a matriz, na frente dela fica a concha acústica e se você rodear o muro encontra uma casa rosa, janelas verdes. Pode bater na porta que você irá conversar com a afilhada de uma princesa.

Muita gente anda por aí esnobando estória de rei, príncipes, etc., mas daria muita coisa pra ter qualquer transa em uma real estória real. Dona Dulce Mendes Barreto, pra vocês ficarem sabendo, é afilhada de uma princesa, nada mais nada menos de que da princesa Isabel, aquela que era filha do imperador D. Pedro II e que libertou os escravos daqui, enfim a princesa que mais badalou nesse Brasil.

É, Dona Dulce é afilhada da Redentora e fica na dela lá em São Sebastião. Fica bordando, costurando, fazendo flôres, faz cada almofada incrível, aqueles desenhos geométricos que a gente faz no colégio com régua e compasso e tira zero, ela faz na máquina com retalhos e fica divino. Ela é mágica. Também os doces e licores são porretas. Doces que ela aprendeu vendendo como se faziam os que iam à Europa para as festas de aniversário de sua madrinha:

— Sim, eu sou afilhada da Princesa Isabel. Nasci e me criei aqui em São Sebastião, numa casa muito grande que meu pai possuiu de nome de Solar Quinta da Boa Vista, ficava aqui ao lado, construído pelos fundadores da cidade e foi destruída pelos políticos para fazerem uma maternidade. Numa sala havia uma exposição com fotografias de todos os membros da família imperial brasileira; quando era governador da Bahia, o Dr. Góes Calmon visitou esta exposição.

Seu pai, Antônio Mendes Barreto, não pertencia a nobreza, era preto e fôra criado por um rico fazendeiro. Queria ser advogado, porém não terminou o curso

de Direito. Tinha o título de Capitão da Guarda Nacional que lhe fôra concedido pelo Império brasileiro.

Dona Dulce ainda guarda consigo várias cartas da correspondência que êle tro-

cou com a família imperial, inclusive do exílio, onde a princesa agradecia os doces que lhe foram remetidos para a comemoração do aniversário em Paris. Era tudo feito em São Sebastião e seguia para a Europa a bordo de um paquete inglês. O aniversário era no dia 29 de julho, com uma grande festa também em São Sebastião, a comemoração brasileira dos anos da princesa exilada.

Um papo com Dona Dulce é legal, a gente chega lá e não fica nessa de ouvir ameaça de cortar o cabelo, nem no-meu-tempo-não-tinha-disso, nem nada. É papo agradável de gente. Agora eu pedi, e ela comparou o Naquele Tempo com hoje:

"Ah! Aquêlo era o tempo que tinha

mais fartura: todos tinham de tudo, tudo fácil, vida folgada, etc. Mas eu acho que faltava mesmo era mais educação, o povo se educar pra saber aproveitar a fartura da época em que vivia; hoje não, a gente sabe viver, aproveitar tudo, mas a vida tá mais difícil, não se vê mais fartura de antigamente".

Tem um poste com um alto falante na porta e Gal começa a gritar que dois e dois são cinco (pra os meninos errarem na escola). Dona Dulce não gosta muito de Gal, prefere Roberto Carlos e Valdick Soriano; também apreciava muito a Carmem Miranda. Ela disse que ficou muito contente quando soube que Caetano era filho de Canôsinha que vinha muito em sua casa mais Geny (tia de Bethânia e Caetano) quando eram mocinhas.

Ela é capricorniana.

Moda mini, micro, short, cabelo grande, qualquer ouriço, não tem nada

pra reprovar, ela acha que a moda deve ser essa mesmo, se todos querem o progresso, que então êle chegue a todos os setores. Para ela o progresso de São Sebastião é mesmo impressionante e que também é a favor de maior interesse ao setor industrial.

Mas a corrida espacial não é com ela: "Não aprovo nem acredito na descida na lua". Se são assuntos extra-terrestres então já são problemas de Deus e não do homem, que tem a Terra todinha para brincar.

Olha Dona Betty, Dona Dulce está a favor da senhora, disse que realmente a mulher tem sido muito subjugada e que deve realmente procurar se libertar mas fazer tudo conscientemente, procurar não cometer atos que a desmoralizem, nem fazer absurdos.

Estudar, se empregar, ter muitos amigos, viajar e nada de se amarrar com casamentos, era assim que queria levar a vida, mas São Sebastião não era ainda o que é hoje. Naquele tempo era birutice, Dona Dulce não pôde se antecipar à sua época e aprendeu a bordar.

Suas almofadas estão espalhadas em várias butiques de Salvador, traz desenhos impressionantes, de perfeita simetria, tudo emendadinho de retalhos. Me amostrou várias delas que irão para o Rio, para um casamento, são também de retalhos, mas de uma forma que eu nunca vi, maravilha! Tinha também uns tapetes pra botar no fundo do carro e umas colchas imensas, tudo emendado e os desenhos não se repetem nunca.

— "A costura é a coisa mais importante da minha vida: bordo, costuro, faço flôres, tudo isso sem ninguém me ensinar, quanto mais costuro mais sinto prazer e vontade de criar coisas novas, quero viver muito ainda para fazer tôdas as costuras que eu tenho vontade".

Valdemir Santana
(as fotos são de Jäder)



PRINCESA ISABEL



5e



A FLOR DO MACIEL



Foi melhor eu descer no Terreiro de Jesus, logo vi a Praça José de Anchieta e o no. 8 é a casa onde nasceu o famoso poeta baiano, Gregório de Matos. Hoje funciona nesta casa, a UNIÃO ESPÍRITA BAIANA e é aberta para visitação das 08 às 17 horas. Vê-se a Igreja de São Francisco; e já se nota um movimento estranho. Movimento de mariposas humanas, assanhadas para a noite que chega. São 20 horas na zona. Aqui todos caminhos levam ao submundo maior baiano. Deixo o terreiro, entro na rua S. João de Deus, também conhecida como Maciel de Cima. A rua está sendo reparada pela prefeitura; tirando o calçamento, buracos cavados para a linha de esgoto. Um aspecto total de ruína casa-se com os não menos decadentes casarões. A rua deserta de beleza, está cheia de figuras humanas, compartilhando de uma triste alegria, espalhada dentro do lodo. O Maciel de Cima, poderia ser uma rua como outra qualquer, se pudesse mudar só o clima. Mas cada qual com seu cada qual. Logo na entrada tem um bar de espanhóis, de nome Casa Palmeiras, existente ali há 25 anos. Aberto até meia-noite; aliás este é o hofário que por ordem devem-se fechar todos os bares do Maciel, seus donos disseram que ali sempre existiu calma, as mulheres, que também são conhecidas como mulheres da vida livre, ou vida fácil, não podem penetrar no bar desacompanhadas por decisão da polícia. De maneira que o barulho não lhes perturba, eles reclamam a retirada da terra pelas obras que invade e suja o interior do Bar. Há um fraco entrar e sair de gente: no balcão da Casa Palmeiras, três garçons. Um vizinho é uma barbearia, outro um pobre salão de cabeleireira com duas ou três mulheres, também conhecidas como piranhas, prostitutas, ou mulé do manguê. A Barbearia chama-se OK. Três cadeiras de barbeiros; um deles é Claudionor de Oliveira, que mora ali mesmo, na rua João de Deus ou Maciel de Cima. A sua freguezia não é só de pessoas dali da zona, vem gente de Itapoan, Liberdade, Itapagipe. Ele diz que o que ganha ali, dá somente para não passar fome e desabrigo. Das mulheres não tem nenhuma queixa, elas, uma vez ou outra, entram na barbearia, para fazer sombrancelhas, o pé do cangote. Fica aberta até às 22 horas. Defronte, está uma das escolas do MOBRAL, movimento brasileiro de alfabetização. Os alunos são pessoas dali. Na rua João de Deus, moram famílias também. O Professor Carlos Anunciação, disse que nada ali prejudica as famílias, tampouco a escola. Nem mesmo Valdick Soriano a todo volume cantando "Carta de Amor". Dentro da Sala, quatro alunos, mais ou menos 20 carteiras, um mapa do Brasil, um quadro Negro. Do lado da porta de entrada um pequeno cartaz, que diz: "Não Matarás. Seja qual for a sua revolta, seja qual for o vosso desespero, não mancheis as vossas mãos com o sangue do seu semelhante. O Crime não compensa" Por João Irineu dos Santos, da Companhia Educativa Cristã. Uma Associação Espírita "Allan Kardec", funciona no mesmo casarão da escola. No mais a rua é um barco a vagar, marinheiros soltos enfrentam um mar intolerante, no oceano da tolerância. Uma mulher, 38 anos aparente, atravessa a rua enrolada num lençol. É motivo para piadas da boca do lixo. Vários garotões entram juntos comigo no Bar Soraia. Perguntam o preço de uma cerveja. Brahma 2,50. Pop, cerveja baiana, Cr\$ 2,00. Preferiram a mais barata. O dono do Bar me atende. Fala bem da rua. Vem comigo até ela, é cicerone. "Não vê, o no. 5, é o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Panificação e Confeitaria da Cidade do Salvador; nesta rua tem escolas, moram crianças, por sinal tem duas junto do homem que vende laranjas. "Tipografias, etc. Prá mim, é uma rua como outra qualquer. As mulheres têm em toda parte e todas elas brigam. No meu bar, não há brigas, há policiamento. A radiola, que se ouve qualquer música, basta pôr uma ficha que custa uns quinhentos cruzeiros ouve qualquer música dos sucesso de Valdick Soriano, Altemar Dutra, Orlando Dias, Jackson do Pandeiro e outros. Uma mulher se aproxima, seu nome é Isaura, — escrava de um falso prazer. Mora e faz a vida aqui há um ano. Acha tudo muito cansativo, mas não há outro jeito. Veio do interior, tem hematomas no braço direito, foi um acidente fora do brega. Ela diz que não faz besteira e nem ganha bem. Aparece por noite, um, dois homens. Isto sábado e domingo Meio da semana tem dia de não receber nenhum. Paga Cr\$ 7,00 por noite, do quarto onde mora e recebe dos homens 7 a Cr\$ 5,00. É tudo muito difícil. As donas da casa não são muito chatas, não. A rua termina no Pelourinho, e até ao fim do ritmo é o mesmo. No meio da rua João de Deus, entra-se para a rua Frei Vicente. O mesmo manguê. A mesma lama. Aqui também moram famílias e fáceis mulheres não se encontram ainda na rua. Um cara vende cigarros, outros parados numa esquina onde fica o Bar Galícia. Aproximo deles. Dois se afastam, ficam três. Um deles: "Sou

marginal, e uma mulher do 11 me sustenta. Minha vida aqui dentro é normal, uma vez furei um cara porque deu um tapa na minha mulher d'aquela época. Mas foi um caso bobo e não foi à polícia. Resolvemos como amigos. De vez e, quando, o pau quebra aqui, brigas, tem policiais embriagados batendo em quem não tem documentos. Agora, a zona maior é ali no Maciel de Baixo. Dé uma chegadinha até lá". E eu fui. A rua que é chamada de Maciel de Baixo é a Rua Gregório de Matos. O Brega está fervendo. Mais de 100 mariposas transitam. Nas radiolas, que bem parecem boca de alto falante, vem Márcio Greick dizendo, "não, eu não consigo acreditar no que aconteceu..." e Altemar Dutra, "louco fui eu que acreditei em você", ou então Duo Ciriema, "aquela colcha de retalhos que tu me deste". O som e o zum-zum dominam o ar. Respiram-se vidas frias. Convites de mulheres para o leito. Pedem cigarros, uma toma um empurrão de um mal encarado. Entrega, diz que ela gosta de mulheres. Casarões enormes, escadarias. Mais psius-convites. Na esquina está o muro da casa ou Igreja de S. Francisco, onde desce a ladeira do Pax. Cinema Pax. Uma mulher, com mais de 70 anos vende acarajé no Maciel de Baixo, brinca com as meninas, pouco lhe diz o submundo. Paro junto de uma banca de cigarros. Três Senhores parados; um deles, o dono da banca é amável comigo. Seu nome? João Batista Santana. Mora aqui há seis anos com sua família. Tem outras famílias no Brega maior. E mulheres que chegam pra me ver anotando as palavras do homem da Banca: "Aqui tem de tudo: mulé de fé, ladrão, gente muito honesta, maconeiro, boca de fumo, gigolô e mulé que dá vida boa a homem. Cachaça toda hora. Depois de meia noite ninguém bota o olho na rua e não se vende mais nada. A Polícia controla". Um carro policial passa por nós, agora. O homem prossegue: "Aqui de vez em quando tem crimes, aqui é a rua de mais movimento. Tem também ali na ladeira do mijo, na esquina do pecado e na rua das laranjeiras. Junto dêle, um bar. Diz que o bar não tem nome, e mostra um barzinho onde tem rapazes e mulheres dançando ao som de "Garôta você é uma gostosura, foi proibida pela censura, olha aí. O Bar é o conhecido "Flor do Maciel". Uma luz frouxa, mulheres feias, a dona do bar que encosta: "Isto é um inferno, négo. As minhas crianças são as

mais prejudicadas, aprendem tudo que ouvem na rua. É só vê, criança é assim. A gente não serve jantar, não. As mulheres d'aqui não jantam, de noite tomam só um copo de coalhada e comem um ou dois pães. Também essa escavação da Prefeitura tirou um pouco de ânimo d'aqui. Meus meninos tão toda hora dentro do esgoto e voltam sujo de bosta. Tou doida que termine as obras". Os rapazes mudam o jeito de dançar. O som é de fossa, ainda. Um disse que toma cerveja toda noite ali, brinca e vai para casa. Se distrai muito. Subo um casarão, que também pode ser castelo ou rendez-vous. Para chegar até as pessoas, subi 18 degraus de madeira, barulhentos. Lá em cima uma mulher, a cafetina, briga com outra. Diz que tem mania de quebrar a luz do quarto, por isso hoje ia "trabalhar" no escuro, a não ser que ela comprasse com seu dinheiro. Me recebe com a expressão zangada, não parou de resmungar. A outra também, não. "E que vem a dizer este negócio?" — me pergunta, "sai dinheiro?" "O que é que você quer saber?" ... Várias perguntas até me dizer. "Você não tem cara de jornalista..." (Graças a Deus, eu sou e nigrinha) mas vamos lá. Estou aqui há 37 anos. Antes não era como hoje. Vinham marinheiros, soldados de folga, pessoas de bem. Hoje, não. Já nem boto a cara na rua. Não sou chegada a indecência, meu filho. Me chamo Rosalina Andrade de Vieira. Não tenho dinheiro não, mas vivo bem. Minha casa tem 18 quartos e cobro por cada um Cr\$210,00 por mês. Quando era mais moça, viajei com o marinheiro Jonathas, até a Holanda. Vivi um ano e meio fora do Brasil. Não sei desse negócio não. Não vi isso na Holanda, não. Isso parece coisa de defunto, caixão de vidro. Mulher d'aqui nenhuma ficaria presa em vitrine esperando homem. Éles já não aparecem, com elas soltas, imagine". Fala quase sem parar. Gritou pedindo cerveja gelada, o papo seguiu regado de cerveja. "Tenho duas filhas, não moram aqui. Uma trabalha de costura numa casa lá no Beco dos Ingleses. Vive bem. A outra coisa minha, casou com um vendedor ambulante. Moram em Santa Inez. A primeira só vem em minha casa sexta-feira da paixão. Nunca me reclamou nada. Nenhuma das duas. Sairam d'aqui com 1 e 2 anos. Foram morar com as madrinhãs. Pago aluguel de casa, não pago pouco. Sou protegida por um cabo do exército, ninguém se mete a besta comigo". E eu desci com bafo, de cerveja e a amizade de D. Rosa. Pediu que o pessoal do Verbo fosse lá biritar. Disse que a casa é pequena, mas o coração é grande.

Lá fora está chovendo. Pessoas fugindo da chuva, mesmo assim os convites. O som é geral. Outro castelo. Uma vela acesa atrás da porta, não é pra santo nenhum. É decoração. Saio, torno a passar diante do São Francisco, entro na rua Santa Isabel. Bonecas louras, passam gritando a chuva que veio dar um intervalo. Um

intervalo para o que agora é só lama. A chuva trouxe a ilustração. O Brega agora é só lama. Só lama. Nesta rua que agora estou, Santa Inez. A primeira só vem em minha casa sexta-feira da paixão. Nunca me reclamou nada.

A Negrinha do Verbo

TERREIRO DE JESUS PORTAS DO SOL

dedicado a caetano e seu compacto de carnaval

Além muito além dos 900 terreiros de macumba de Xangô. Tem o terreiro de Jesus. Nêle você chega através de 7 entradas, 7 caminhos. Nós chegamos pelas portas do sol, bem ao lado da igreja de São Francisco de Assis, logo abaixo, de frente para o poente. A Cantina da Lua, o Rei das Novidades, a Casa dos Defuntos, A Decorativa e a Igreja de São Pedro dos Clérigos, que segundo a lenda, levou 100 anos fechada. Mataram um padre lá e lá só tinha celebração em dias de domingos de ramos. No teto, seu teto, sem a presença dos gênios, um gênio fez desenhou pintou um imenso Jesus de sandálias de uma tira nos pés. Mantos vermelhos e azul, duas chaves na mão, uma, a do mundo, outra, a do céu, pra São Pedro ajoelhado a seus pés. E também um galo. Saíndo da igreja vimos o cego no terreiro, viola, pandeiros de fitas e um papo na guitarra que não se sabe se é Eric Clapton, Gil ou musco fantástico, viajantes de outros espaços. Realmente é muito difícil sentir o papo de um cego, pra quem não sabe o que é cego. Sua viola é vermelha e ele fala pra roda em seu redor: "Disse o mestre que aquele que não tiver o prazer de uma profissão é um fariseu". Éle disse que é um propagandista de propaganda. A roda tá bem no meio do terreiro. Em frente à catedral, de lado pra primeiro escola de medicina (no Brasil, gente no Brasil), cuja arquitetura de cor cinza, ninguém sabe se grega, romana, troiana, clássica ou neoclássica. Rubinho fotografou e disse que é neobaiana. Esse terreiro é de gente de cor. Lá branco fica marronzinho, misturado com tudo e com todos, é um vai e vem de carro, de imagens, a imagem que tá ali, há mil anos e todo dia é diferente. Dentro da escola de medicina tem placas de mármore com dizeres, homenagem de formandos, formados na arte de medicar, ou seja, doutores. Uma diz assim: "Homenagem dos formandos de 40 a sua excelente escola". Na União Espírita da Bahia (fica lá também) tem um piano, e o zelador Dantas, me diz enquanto toco uma sonata pasmado com a tranquilidade e a ligação do ambiente. Vende uns livros, os livros que sua mente precisa pra ficar em paz com os mistérios. Éle não sabe quando foi fundado nem eu, nos diz que essa casa tem mais de quatrocentos anos e em dias de festas se toca piano. Na sala ao lado tem uma reunião de mediunidades e passes. É demais para um terreiro só, só Jesus curte tanto.

Isto tudo é ura praça, Anchieta.

A Bahia tôda que a gente de cor colore. Uma pincelada em cada passo, em cada passe. Passe é uma passagem, de trem, de ônibus, de bonde, de amor, pra melhorar a vida, a ginga, o carnaval. Tem tudo aquilo que a burrice chama de folclore e procura e não vê. E sonha com os quarteirões iluminados do sonho, no terreiro de Jesus, você vê a Bahia todinha, você que é de fora, você que é de dentro. Além das igrejas, dibaixo delas, tem a lenda do subterrâneo, verdadeiros metrô underground de ratos. Ninguém sabe di nada sobre e sob os subterrâneos, dibaixo do terreiro, mas que têm, têm. Eu e Rubinho caminhamos tudo isso, divagar falando com a paisagem: É uma riqueza de criação inimaginável, tem uma casa que vende bolas, sapatos, carmesins e outras coisas dependuradas no telhado, que se chama Plastilar. E como se não bastasse, numa das entradas, a que vem da Sé tem um acrílico Limpe a Fossa, na outra o acrílico Terreiro de Jesus.

Estando ali de passagem, parado, as pessoas caminham num silêncio vivo, brilhante azul. A fonte azulizada, onde os meninos limpam, molham as cabecinhas. Agora a fonte tá rodeada de crianças multicôres, a presença do prosseguimento de uma vida itinerante, onde tudo acontece de ser natural naturalmente.

Este terreiro fica na Bahia.

Tem a sociedade dos lavadores de carro, gente boa, da boa gente amiga do terreiro. E basta sentar na cadeira e seu sapato (que eles chamam de bute) vira espelho. Do trato recibido, dado

pelo mestre engraxate. Cadeiras tem a vontade, pra todo gôsto, todo riquintinho no pisar, no calçar do môço da cidade, boa praça, camarada que si defende, no pique de um rico cotidiano, de transas e ações. De valor de muito valor são as peças catedrais, orientais templos, ao oriente do oriente baiano oriental astral, tropical, atlântico. Tá na presença do inesperado o fascinante

astral, nos colares, pulsos, tornozelos da baiana, anágua de rodas, dendê, farófia no terreiro de Jesus. Dibaixo das estátuas e palmeiras, o ebó, um, mi sigure si não eu caio. Pimenta do sangue do branco, do gringo, de chapéu de palhinha e binóculos. Rai du iu du mister tudo hot? Cadê meu trocado? O sarro, banquetes divinal. A batalha no vai e vem da cidade no terreiro. Na escola kardecista do espírito, na roda da capoeira, do cego, a viola, o cigarro, a retalho e varejo. 100 mangos um continental com filtro. Trouxinha caro esse, carlton, todo branquinho, cigarro, na bôca de Zé Bonitinho, rapaz qui canta, assovia, tira fumaça, como fogo, e tá de ôlho

na bunda larga da nega qui passa, deboche de crioula incrementada de samba quente de um malandro inspirado. Do Maciel sai uma raça, patota, de bamba na palma, no andar, no gingar.

As meninas do amor, do castelo, passeiam nas pedras pretas brancas do terreiro. De repente sinto no ar o cheiro gostoso de um pudim de arroz com bananas assadas.

Incenso abre caminho.

Aqui tem um ditado escrito no muro da igreja de São Domingos assim: escorregar não é cair. O ambiente é de hoje, é de ontem, é de 300 anos atrás quando a Bahia era capital do Brasil, início da terra de Santa Cruz. Se você parar, sentar na beira da fonte, com calma alma tranquila de quem olha, verás o que digo, é a terra de agora, de sempre. É um tempo, qui não passa, não muda, sem tempo. Simplesmente a tempos tou parado, andando, rodando, entrando, saindo nos 7 becos, descidas, subidas, qui se encontram no terreiro, subindo ou descendo o pelourinho, descendo ou subindo a ladeira do Pax, passando pelo mangue, pelo Igreja de São Francisco, qui tôda terça-feira tem a missa da bênção, dia em que a praça fica qui nem formigueiro de gente, adorando o ouro, jóia da lindeza, do lindo modo maneira, de viver de vida no terreiro. A igreja é tôda de ouro, diz o cartão no texto do turismo. O bateu-caiu (lambe-lambe), retrato 3 por 4, pra identidade. Babiliaques, daqui vejo um cara com pinta de locutor de alto-falante, em pose especial pro Verbo.

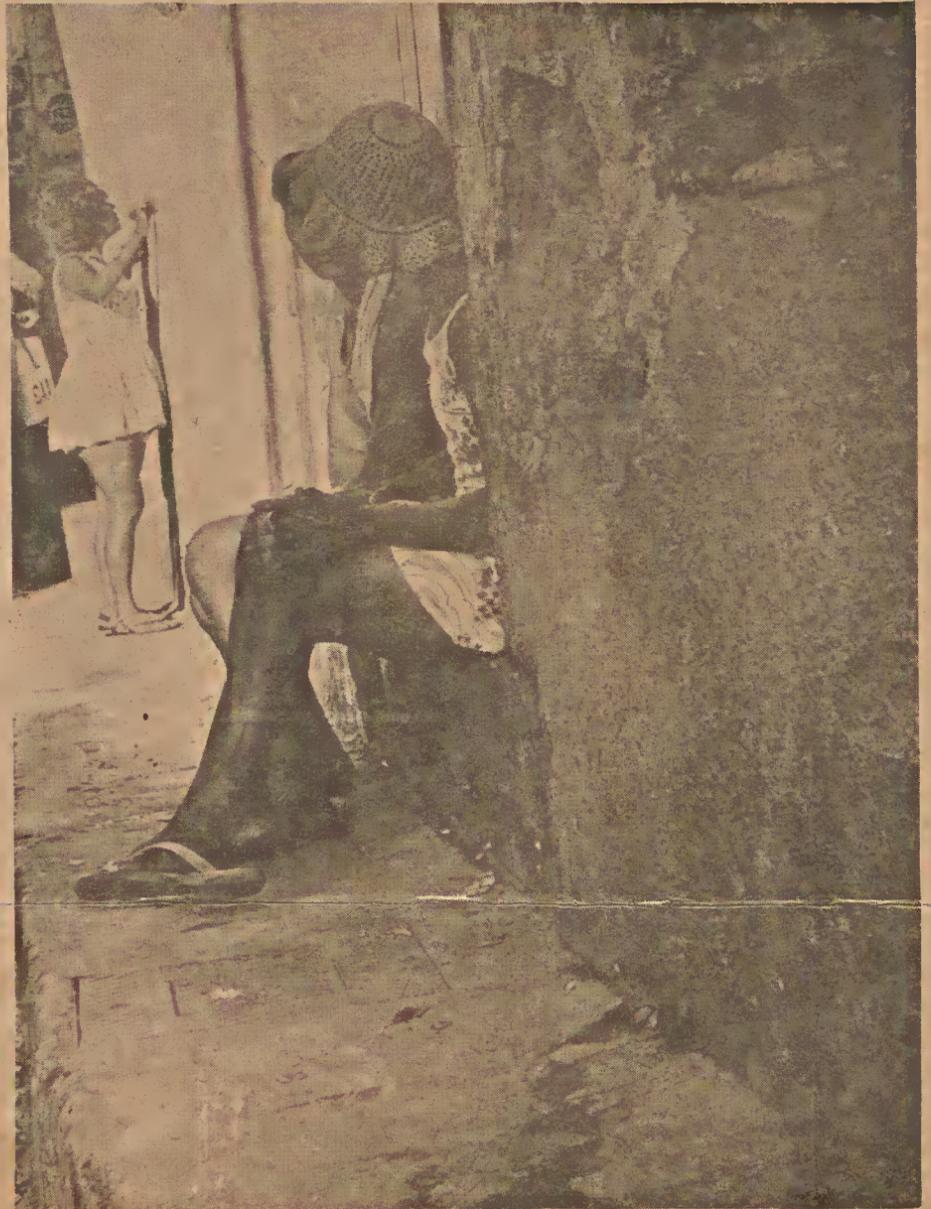
É a voz do nordeste, nas paradas de notícia.

Aqui manchete é bate-bôca de mulher dama. Um rabo de foguete, ouvir poupa, grilo, de Mané Valente, forasteiro qui não sabe nada, e tira onda chesterfield, isso é cigarro barato, queimado, nas cinzas da inocência da criança que brinca no terreiro. Caldo de cana com pedras de gelo, sorvete sorrisos convite, toque pra fazer neném, meu bem meu benzinho — Pode ser? Um negócio dêsses? No terreiro você fica sem saber, se como, se dança, se agarra, se tara, se entrega. Tudo acontece, na hora, no instante, de um abrir e fechar das 7 portas do terreiro. Ladeira abaixo pelo Pelourinho você chega ao Taboão.

No Pelourinho os banidos bandidos perdiam a cabeça na armadilha. Tem uma lojinha bacana no terreiro, Bahia Magia. Vende magia da Bahia. Levo um papo com João Engrachate e ele conta a estória do esqueleto de meganha. Nos anos 20 éle cantou uma moreninha jambo e foi com Linduara se arrochar no sossêgo do cimiterio. Quando esqueleto de meganha levantou de lá do buraco, 7 palmas dibaixo da terra, e lhe deu voz de prisão. No terreiro quem marca touca e não se manca veste camisa por calça, sapato por bambolê; aliança de baleiro nos dedos da moreninha.

Agora veja. Esse terreiro fica na Bahia.

Nêgo Nizio



TRIPS INTERNACIONAL

O FRACASSO DA VIETNAMIZAÇÃO

As primeiras semanas do ano passaram sob os ecos das milhares de toneladas de bombas que os gigantescos bombardeiros americanos lançaram sobre as aldeias norte vietnamitas, com o aparente objetivo de "proteger as declinantes tropas americanas ainda estacionadas no Vietnã do Sul". Na realidade, os bombardeiros foram uma prova clara do fracasso, tantas vezes negado, do programa de "vietnamização da guerra" proposto por Nixon como solução da guerra do Sudeste Asiático.

Se os americanos precisam bombardear com tamanha ferocidade os norte-vietnamitas, para proteger os soldados que ainda continuam no Vietnã do Sul e para sustentar o governo de Saigon, é sinal de que as tropas sul-vietnamitas não são capazes de repelir estes ataques e portanto, os anos de vietnamização da guerra não produziram resultados satisfatórios.

Bombardear o Vietnã do Norte é a pior solução que Nixon poderia encontrar para levar adiante sua política no Sudeste Asiático. Bombardear o Vietnã do Norte com a intensidade da última semana do ano passado significa ameaçar toda sua estratégia diplomática de aproximação com a China e a União Soviética, arriscando inclusive suas projetadas viagens de fevereiro e maio a Pequim e Moscou. Significa atrasar ainda mais as negociações para a possível libertação dos prisioneiros de guerra americanos em Hanoi, com as graves repercussões dentro dos Estados Unidos no ano das eleições presidenciais.

Significa também firmar ainda mais a disposição dos norte-vietnamitas continuarem lutando até uma vitória total no Sudeste Asiático, como Hanoi afirmou durante os bombardeios, que além de anunciados alvos militares, atingiram também aldeias, hospitais e escolas, matando a muitos civis.

Pois bem, se a este custo Nixon optou pelos bombardeios é sinal de que a situação no Sudeste Asiático não anda bem para os 184 mil americanos que ainda estão por lá. Já no dia 12 de novembro, Nixon mudava sua política de "vietnamização" não admitindo mais a retirada total das tropas americanas, mas impondo uma série de condições, para manter uma "força residual" para defender o governo de Saigon.

Provavelmente o que ocorre é que os estrategistas do Pentágono já descobriram que a abertura da guerra no Camboja em 1970, que a ação da CIA e dos bombardeios aéreos no Laos, que o fortalecimento do Exército sulvietnamita, (segundo cifras de Saigon, o recrutamento é de 15 a 18 mil novos soldados ao mês), longe de fortalecer o governo de Nguyen Van Thieu, o está enfraquecendo.

A frente cambojana nunca foi tão exposta como agora. No

Laos, O Pathet Lao ganha a cada dia novos terrenos e recentemente ocupou a estratégica planície de Jarres, enquanto o poder dos 1.180.000 homens do Exército de Saigon é bastante contestado, apesar de suas modernas armas.

Desde o início do programa de vietnamização, que pretendia entregar a responsabilidade da guerra aos vietnamitas, que seriam apoiados economicamente pelos Estados Unidos, as tropas americanas reduziram-se de 543.400 homens, de abril de 1969, para os atuais 184 mil. Os custos vinculados diretamente com as despesas de guerra também se reduziram, ainda que em percentagem menor, passando de 22 bilhões de dólares em 1969 para os 12 bilhões deste ano que terminou, segundo estimativas do *Le Monde*. A quantidade de bombas lançadas sobre o Sudeste Asiático manteve-se mais ou menos no mesmo nível, uma vez que em 1969, os americanos jo-



garam 2.802.323 toneladas de bombas e em 1971 jogaram aproximadamente 2.200.000 toneladas.

Sem falar nos custos humanos, das milhares de pessoas que morreram desde que a guerra começou, esta pode ser considerada como uma das mais ferozes guerras dos tempos modernos.

E este ano de 1972 começa com os rumores claros do fracasso do programa americano para pôr fim a guerra. As negociações de Paris, estão completamente estagnadas, não se prevendo quando poderão começar a andar. A última novidade ali registrada ocorreu em julho, quando o Governo Revolucionário Provisório do Vietnã apresentou seu plano de paz, condenando o programa de "vietnamização" que só faria prolongar a guerra.

Agora, que aparecem os sintomas do fracasso do programa; que Nixon está empenhado em consolidar sua imagem de "preocupado com a paz", que dialoga com seus inimigos. Agora que é ano de eleições, que as divergências econômicas entre os EUA e seus principais aliados desenvolvidos se aguçam. Ano que provavelmente se marcará por uma re-composição de forças no plano internacional, é possível que a guerra do Vietnã tome outros rumos, em direção a uma "saída honrosa" para os EUA. E Pequim e Moscou poderão ajudar nisto.

José Sergio Azevedo.

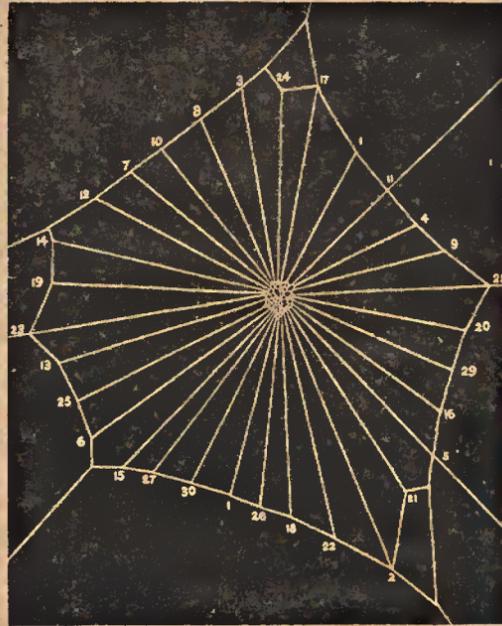
BALANÇO DA GUERRA INDO-PAQUISTANESA

Após a queda de Dacca, ocupada por tropas indianas e guerrilheiros Mukti Bahini, com a rendição incondicional das tropas paquistanesas, o antigo Paquistão Oriental transformou-se na Bangla Desh ou República Popular de Bengala.

Para compreendermos politicamente esta guerra, temos de levar em conta os múltiplos e complexos interesses em jogo. Em primeiro lugar, destacamos o interesse e a necessidade do Paquistão Oriental, uma vez que é neste território que se encontram as reservas petrolíferas e minerais, como também grandes plantações de canhamo, que, somadas aos impostos pagos por seus habitantes, fornece ao Tesouro paquistanês fabulosas quantias, permitindo a luxo de construir Islamabad - "a Brasília do Oriente".

Já a população do Paquistão Oriental, em sua esmagadora maioria, há muito desejava a independência, a fim de terminar com o constante saque de suas riquezas naturais, em detrimento do bem-estar da sua população, além da contínua opressão nacional e racial, praticada pelo Paquistão Ocidental.

A União Soviética, com o seu incondicional apoio à Índia, deseja penetrar politicamente na península hindostônica, não excluindo a futura instalação de bases para submarinos atômicos no estratégico Golfo de Bengala. Daí o veto soviético a todas as iniciativas da ONU, bem como o seu



Ordem de colocação dos fios da teia.

apoio moral e material aos indianos.

Quanto à China, apesar de, aparentemente, apoiar o Paquistão Ocidental, não ajudou o suficiente. Não abriu, por exemplo, uma terceira frente de luta no Ladakh, o que haveria de enfraquecer bastante a Índia. Presume-se que os chineses levaram em conta o fato de que uma ajuda maciça ao Paquistão Ocidental não compensaria, vez que neste país vigora um regime nitidamente anti-comunista, além de fazer parte da Organização do Tratado Centro Oriental - CENTO - ou seja, do braço militar do Ocidente na área.

Os Estados Unidos ficaram em situação difícil. Se retirasse seu apoio à Índia, esta cairia sob a total influência soviética. Também não poderia deixar de apoiar o seu antigo aliado militar, o governo do Paquistão Ocidental. Como porém a Índia havia assinado, alguns meses antes, um tratado de ajuda militar com a URSS, os Estados Unidos resolveram ficar mesmo do lado do Paquistão Ocidental, inclusive mobilizando sua Sétima Frota Naval para o Golfo de Bengala, que afinal chegou tarde, quando Dacca já havia caído.

Finalmente, é interessante notar o interesse e a necessidade da Índia em firmar-se como a única potência em toda a região e, em vista disso, acabar com o enclave paquistanês em seu território, a sudeste do Brahmaputra. Daí o total apoio indiano aos guerrilheiros bengalis.

Na frente ocidental, apesar de alguns avanços paquistaneses, sobre a Caxemira indiana, a situação permaneceu inalterada. De

resto, a subida do novo governo do Ocidente, encabeçado por Zulfikar Ali Butho, e o possível retorno a Dacca do líder bengali,

Mujibur Rahaman, poderão condicionar novos acontecimentos neste importante quadro político.

João Fortes

PELAÍ

O birmanês U-Thant deixou a ONU, no dia 31 de dezembro, fazendo, mais uma vez, uma declaração sincera e equilibrada,

em favor da paz mundial. U-Thant disse que "um dos principais entraves para as conversações de paz em Paris são os bombardeios aéreos norte-americanos contra o Vietnã do Norte", acrescentando textualmente:

- Deploro tais atos dos Estados Unidos. Assim não se pode falar de paz nem pretender que a pátria de Lincoln seja um bom exemplo de democracia.

A União Soviética, através de sua Embaixada em Beirute, conseguiu que a polícia libanesa censurasse o filme "A Confissão", do diretor grego Costa Gravas. A União Soviética disse que a apresentação do filme prejudicaria as relações entre os dois países, porque conta a história de Arthur London, um Tcheco que foi preso e torturado na Rússia, durante a época stalinista.

O Conselho de População Norte-Americano, uma fundação particular de Nova Iorque, que lida com pesquisas de população, fez, recentemente, um estudo sobre abortos e constatou que a maioria dos casos ocorre entre "mulheres jovens, solteiras, brancas e grávidas pela primeira vez. Um por cento das pacientes são menores de 15 anos, dez por cento estão na faixa de 18 a 19 anos, e vinte e quatro por cento são maiores de 20 anos. A pesquisa revelou também que 10,1 por cento das mulheres que já fizeram aborto apresentaram complicações, desde hemorragia e febre até perfuração do útero.

Você
nem imagina
do que a Sadia
é capaz
para ter
você
aqui dentro.



SADIA



CARTAS/RECADOS/TELEFONEMAS, ADOIDADO
disque 2-2350/O VERBO-TRANSA COM O LEITOR

— Adelaide Pereira Gomes, Rua Baker, Cambuci, São Paulo.

“... Gostei do Verbo porque ele me alegrou. Vocês são mais inteligentes do que os caras do Pasquim. São baianos, da terra que adoro. É isso, soltem seu Verbo. Qualquer hora é boa pra vocês virem a São Paulo. Venham que já tem muita menina querendo conhecer vocês. O Verbo é a curtidão mais quente do ano que se inicia. Beijos”.

— Legal demais. Qualquer hora é boa também pra vocês virem à Bahia. Venha passar o verão em Arembepe e nos faça uma visitinha que você vai ver que a gente não é inteligente como você está pensando. O barê é outro, trata-se de clima e astral. Beijos beijos beijos.

— Sônia, Vila Mariana, São Paulo.

“... Que vergonha meu Deus. São Paulo não pode parar mas também não pode fazer um jornal da pesada como o Verbo? Por que? Cadê a turma da pesada paulistana? Pra vocês meus parabéns, o Verbo me derrubou”.

— Soninha, não tem essa de vergonha não, cada qual com seu cada qual. Não sabemos onde está a pesada paulistana, agora que aqui na Bahia/Verão tem paulista pra dar de pau, isso tem. Obrigado e desculpe a rasteira”.

— Helena Soares, rua Sá Ferreira, Copacabana, Rio.

“... Desde que o Verbo chegou no Rio que eu compro toda semana. Prá mim substituiu o Pasquim como leitura de praia. Mas a grande surpresa foi eu me comover. Claro, aquela mensagem de Natal que o poetinha Vinícius escreveu no Verbo 10 é linda demais. Tem sentimento e poesia. Quando estiverem com ele digam que tem uma mina em Copacabana cantarolando Gente Humilde, uma música que eu acho um desbunde. É isso mesmo, o tempo passa e cada um segue o seu caminho. Tá li que se pode comprar números atrasados aí na Bahia. E aqui, como é que eu faço?”

— Transando logo: números atrasados você pode receber pelo reembolso postal. Você escreve dizendo os que você quer e a gente manda pelo correio. Legal que o Verbo vai à praia, ele adora, leve sempre prá ele ficar bem coradinho. Gente Humilde, legal, quando a gente estiver com ele a gente fala.

— Pedro Guigud, Ipanema, Rio.

“... Como é ô caras, qual é a de vocês? É caretice mesmo, é? Chi, pior do que careta é baiano careta”.

— Pois é.

— Sandra Lemos, Ipanema Rio.

“... Alô Bahia, aí vou eu curtir o verão

com vocês. O Verbo já me ensinou tudo. Tou sabendo já das praias, da festa, da Bahia toda. Acabo de ter uma discussão com meu irmão, ele acha que o Verbo é um guia turístico da Bahia feito por um grupo de baianos bairristas. Brigamos, mas fizemos logo as pazes quando resolvemos viajar. Partimos depois de amanhã. Deixem um pedacinho de mar pra gente. Prometi a meu irmão pedir a vocês pra manerarem um pouco no bairrismo, é mesmo, manerem um pouco”.

— Como? Com a gente recebendo carta como essa? Dêem um pulo aqui na Redação pra gente botar isto em pratos limpos. Depois a gente enche eles com uma moqueca de peixe com azeite de dendê.

— Miro, Avenida Tiradentes, Roma, Salvador.

“... Ou eu não tou sacando direito ou então vocês é que não tão sabendo de nada. Ou então ainda vocês são é uns grandes picaretas que tão curtindo com a cara de meio mundo. Vocês publicam artigos da pesada como aqueles sobre Timothy Leary e Andy Warhol e depois dão uma de careta (aliás, vocês já se entregaram num Editorial) com a babaquice do Consultório Sentimental. Qual é? Quem é Tashka? É a bicha do Verbo?”

— Não, não é nada disso. Somos caretísimos, menos Tashka que não é uma careta, não é um cara, não é uma pessoa descarada, não é a bicha do Verbo porque o Verbo não tem bicha, nem tem bicho, tem gente, sacou? Tashka é Tashka, gente Verbo é meio mundo.

— Fany Guedes, Rua Florianópolis, Barra, Salvador.

“... Um beijo VERBO pra vocês, prá J. C. Filho, Marco Antonio, Nêgo Nízio, Álvaro Guimarães, Café, Armindo Jorge Bião, Ribamar, Athenodoro Ribeiro, Tashka, Aécio Pamponet, Ciomara, Tony Saback e todos os que fazem o melhor jornal underground do Brasil”.

— Beijos Fany, beijos VERBO no seu underground.

— Carlos Santana, Avenida Sete, Salvador.

“... Por que vocês não entrevistam o Senhor do Bonfim?”

— Respeito menino, respeito. Vá se tratar.

— Pedrilson Ramos, Avenida Joana Angélica, Salvador.

“... O Verbo é uma empresa?”

— Não, o Verbo é um jornal. A Alef é que é uma empresa.

CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

Amiga Tashka,

Salve a Bahia!

Venho por esta me dirigir a você para uma consulta. Uma conversa é o que eu queria mesmo. Mas você está aí longe na Boa Terra, e eu aqui, no Rio, solitária. Você seria o tipo ideal de amizade e companhia para mim. Sou funcionária pública aposentada e vivo de rendas de uns apartamentozinhos que tenho. Não tenho amigos, vivo só. Minha rotina é acordar cedo, dar uma volta na Cinelândia que é aqui perto, e voltar para o almôço e para assistir televisão até a hora de dormir. Só me encontro com os inquilinos e meu advogado. Meus parentes moram em Minas mas eu não me dou com eles.

Gosto de ler fotonovelas, O Cruzeiro, Manchete, Amiga, Intervalo e os jornais diários. Não sei porque outro dia quando fui procurar o Correio da Manhã, vi o Verbo e comprei. Acho que foi só pra variar mesmo. Gostei da capa e comprei, é uma que tinha uma fotografia de um homem nu até a cintura com uma fita no cabelo. Li todo que o que eu pago eu gosto de usar. Só leio tudo mesmo nos Classificados, tem muita coisa interessante. Li seu Consultório Sentimental e gostei. Eu acho que baiana é quem entende dessas coisas. Baiano é um povo muito feiticeiro. Tenho lido sempre suas respostas e acho muito sensatas, sobretudo seus conselhos para aquele pobre rapaz que gostava de rapaz também. Por isso confio em você para fazer uma consulta, que desde já, espero com ansiedade e agradeço. Meu problema é o seguinte: Aqui no Edifício mora um senhor mais velho do que eu vinte e cinco anos. Éle foi desembargador, e como eu, também vive de rendas. É viúvo. Éle diz que gosta de mim e quer casar comigo. Eu tenho medo. Já estou entrando numa terrível depressão. O que devo fazer é que me preocupa. O que digo a éle? Caso ou não caso? Eu fico pensando, dois velhos juntos, cada um com sua mania (éle mora em quitinete e tem um viveiro com vinte pássaros), não sei. Às vezes tenho medo de chegar às raíais do desespero. Não tenho com quem falar. Eu gosto d'ele mas tenho medo que depois éle enjoe de mim, fique me conhecendo melhor e me repudie. O que é que faço para não cair em desespero? Não sei, estou nervosa. Tenho até tomado calmante para dormir.

TASHKA RESPONDE

Éle me telefona tôda noite depois da novela Bandeira Dois. Eu vejo, acompanho, mas não entendo nada de tão nervosa que fico esperando o telefone tocar. Sou muito controlada mas tenho medo de perder as estribeiras. Amiga Tashka, me dê uma palavra, um conselho, eu peço. Em água benta eu não creio, não gosto de cheiro de igreja. Espero ansiosa sua resposta. Obrigada,

Maria José Chaves

Rio de Janeiro - Centro

Amiga Maria,

Minha santa, agradeço demais de penhorada sua atenção e ligação comigo. Realmente eu gosto de falar pras pessoas. Sou muito tímida mas não curto solidão. E você? O que é isso? Solitária pra xuxu como você falou, sem amigos com quem conversar, encontra um partido desses, porque não dá um jeito na vida? Já não é sem tempo. Antes tarde do que nunca minha nêga. Você não gosta de pássaros? É por isso que tem medo de casar? Não entendi. Não entendi aquilo de ficar conhecendo melhor e enjorar. Juro que não. Se sua mania é ler, continue lendo e comprando o Verbo.

Sinceramente não vejo muitos problemas pra você não, acredito que esse casamento possa ser uma bênção para o ex-Desembargador e uma salvação para você. Ora, um casal de velhos, vivendo de rendas, criando pássaros e lendo, quer coisa mais romântica? Com lua de mel na Bahia, diga aí! Se éle fôr chato, dê uns cascudos (depois de casada nêga, depois de casada) nêle. Cascudos mesmo. Aja minha santa, participe da vida, curta o que Deus lhe deu que me parece que Éle lhe deu coisas legais pra curtir. Na verdade não lhe aconselho a casar ou continuar solteirona, aconselho que você fique um pouco menos controlada. Faça umas maluquicezinhas de vez em quando. Roube um pombo na Cinelândia e dê de presente a seu noivo.

Divirta-se minha santa, que aposentada não tem que trabalhar. De pernas pro ar pode ficar, mas se demorar dá cáimbra. Sacou? Pegou o toque? Juízo minha amiga, juízo que a vida é longa demais pra ser uma simples curtidão e muito curta pra ser uma gozação de Deus com a cara da gente. Beijos Maria, e me mande o convite pra esse peru, que eu gosto,

Tashka

